

Ana João Carvalho da Silva Santos

Droga e *trance*, olhares cruzados
Consumos nas subculturas juvenis

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Temas de Psicologia, ramo Psicologia do Comportamento Desviante, sob a orientação do Professor Doutor Luís Fernandes

Porto, 2009

Resumo

Neste trabalho mobiliza-se o conceito de subcultura para uma aproximação ao fenómeno droga no movimento *trance*, manifestação juvenil da actualidade. Dá-se conta das subculturas enquanto instrumento útil na análise dos fenómenos juvenis, concretamente, o consumo de drogas.

Focam-se os consumos de drogas que têm vindo, desde finais dos anos 80, a ganhar expressão na sua associação a contextos de diversão nocturna, registando particular prevalência na juventude urbana, com uma situação financeira relativamente boa e uma vida social intensa. Neste âmbito, *otrance* surge como analisador do fenómeno droga, enquanto prática subcultural de um grupo juvenil, pelo que adquire um papel central no enquadramento dos usos, regimes e finalidades das drogas.

Utiliza-se a metodologia qualitativa, recorrendo ao uso de entrevistas semi-directivas para a recolha dos dados e a análise de conteúdo para o seu tratamento. Através do discurso dos actores, conclui-se sobre o predomínio do MDMA e dos alucinogéneos – substâncias percebidas, respectivamente, como a mais consumida e a preferencial. Observa-se um modelo de policonsumo e de diversidade psicotrópica, bem como um distanciamento do regime de uso das drogas, do fenómeno da toxicodependência, tal como este tem vindo a ser entendido no fenómeno da heroína.

Palavras-chave: subculturas, *trance*, consumo recreativo, drogas de síntese, alucinogéneos.

Abstract

In this work, the concept of subculture is used for an approach to the drug phenomenon in the *trance* movement, one of today's youthful expressions. The subcultures become a useful instrument in the analysis of the youthful phenomenon's, concretely, the drugs use.

The consumptions of drugs can be considered to have come, since the end of the 80's, gaining expression in its association with the recreational night spaces and with a particular prevalence in urban youth, that have a relatively good financial situation and intense social life. In this scope, *trance* appears analytical of the drug use, while a subculture practice of a youthful group, for what it acquires a central role in the framing of the uses, regimes and purposes of drugs.

Qualitative methodology is used by employing a semi-structured interview for the retraction of the data and for its treatment the content analysis is used. Through the speech of the actors, one concludes on the predominance of the MDMA and the hallucinogenics - substances perceived, respectively, as the most consumed and preferential. It's observed a polidrug use and a psychotropic diversity model, as well as a different regime of drug use, as it has been understood for the heroin addiction.

Keywords: subcultures, *trance*, recreational drug use, design drugs, hallucinogenics.

Résumé

Dans ce travail on utilise le concept de sous-culture pour approcher le phénomène de la drogue dans le mouvement *trance*, une manifestation juvénile d'actualité. On prend en compte les sous-cultures en tant qu'instrument utile dans l'analyse des phénomènes concernant la jeunesse, en particulier, la consommation de drogues.

On se base sur les consommations de drogues qui progressent, dès la fin des années 80, sur leur association à des contextes de diversion nocturne, en notant une prépondérance dans la jeunesse urbaine, de situation financière aisée et une vie sociale intense. De ce fait, le *trance* surgit comme analyste du phénomène drogue, comme pratique sous-culturelle d'un groupe de jeunes à travers lequel il acquiert un rôle central dans l'encadrement des utilisations, des régimes et des finalités des drogues.

On utilise la méthodologie qualitative des entretiens semi-dirigés pour le recueil des données et l'analyse du contenu pour son traitement. À travers le discours des acteurs, on conclut sur la prédominance du MDMA et des substances hallucinogènes, perçues, respectivement, comme la plus consommée et les plus appréciées.

On constate un modèle de poly consommation et de diversité psycho tropique, ainsi qu'un délaissement du régime de l'usage des drogues et du phénomène de la toxicodépendance tel qu'on le comprenait chez les héroïnomanes.

Mots-clés : sous-cultures, *trance*, drogue récréative, drogues de synthèse, hallucinogènes

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Luís Fernandes, orientador de Mestrado, pela disponibilidade e incentivo exigente de aprofundamento científico e promotor da descoberta pessoal – num caminho tenso feito de recuos e avanços.

A todos os *trancers* que amavelmente me emprestaram a sua voz e partilharam as suas histórias.

A todos os outros, amigos e família, pelo auxílio prestado mas, sobretudo, pelos humores e labores que, pelo meu trabalho, tão resignadamente suportaram.

Índice

Introdução.....	2
I – As subculturas e consumos, o <i>trance</i> como analisador.....	3
1. De Birmingham até aos dias de hoje: produção das subculturas.....	4
a) <i>Subculturas hoje</i>	7
b) <i>Drogas e subculturas</i>	9
2. Novos consumos de drogas	12
3. Trance como analisador	16
a) <i>Género musical e forma de fazer a festa</i>	16
b) <i>Movimento trance enquanto subcultura</i>	18
I I – A voz dos <i>trancers</i> : uma abordagem empírica	23
1. Metodologia.....	24
a) <i>Amostra</i>	24
b) <i>Instrumentos de recolha de dados</i>	25
c) <i>Instrumentos de análise de dados</i>	26
2. Retrato de uma subcultura: das festas ao consumo	27
a) <i>Sujeitos</i>	27
b) <i>Trance</i>	29
Forma de fazer a festa.....	29
Representações.....	31
Actores.....	33
Música	34
c) <i>Consumos</i>	35
Substâncias.....	35
Padrões e gestão do uso de drogas	41
Legitimação do uso de drogas.....	43
Conclusão	44
Referências bibliográficas	47
Anexo 1 – Grelha de análise de conteúdo e indicadores	
Anexo 2 – Exemplos de unidades de registo	

Introdução

Este trabalho tem como objecto uma das subculturas que actualmente caracterizam o sector juvenil: o movimento *trance*, uma das formas particulares de expressão das culturas juvenis da actualidade. Procura-se compreender os processos centrais da utilização das substâncias psicoactivas associados à construção de significados e sentidos, articulados no *trance*, enquanto universo de referência.

A primeira parte do trabalho situa na literatura o conceito subculturas e da sua interacção com as drogas, na medida em que as contextualiza, fundamentando o seu regime, funcionalidade e finalidade. Dá-se também conta dos novos consumos de drogas, enquanto padrões e modelos que têm vindo a ser, desde o início dos anos 90, associados especificamente a contextos juvenis recreativos. Por último, procura-se descrever o movimento *trance*, através da história deste género musical, a qual se encontra, por sua vez, associada às actividades de lazer que o enquadram num movimento juvenil. Por fim fundamenta-se este movimento enquanto subcultura e confrontam-se já algumas questões que irão ser desenvolvidas no capítulo II.

A seguir dá-se voz aos actores desta subcultura e utiliza-se uma metodologia qualitativa para fazer a abordagem empírica. Parte-se do objecto droga enquanto fenómeno do mundo social que se diferencia dos fenómenos naturais, por ser dotado de significado e intencionalidade, o que justifica o recurso a uma metodologia qualitativa para a aproximação às dinâmicas culturais que fazem parte e enquadram aquele fenómeno. Utilizando-se as entrevistas semi-directivas como instrumento de recolha de dados e a análise de conteúdo para o tratamento dos dados, aborda-se o discurso dos sujeitos numa perspectiva fenomenológica. Identificam-se as dimensões que, segundo os sujeitos, caracterizam esta subcultura e o modo como essas características dão forma ao consumo de drogas, enquanto prática subcultural. Identificam-se as substâncias tipo, mais concretas deste universo, e substâncias que são recusadas por estarem associadas a outros estilos de vida. Observam-se padrões e modelos de consumo que se relacionam por um lado, com os próprios traços expressivos da subcultura e, por outro com as concepções que os sujeitos têm das drogas e do seu consumo, o que também se identifica com a dinâmica subcultural.

Conclui-se constatando a predominância de algumas substâncias como o MDMA e os alucinogéneos, enquadradas num modelo de policonsumo onde prepondera a vontade pela experimentação, reconhecível na diversidade psicotrópica. Observa-se também o facto deste fenómeno se distanciar, pelas suas características, do fenómeno da toxicod dependência, reconhecido na heroína, sobretudo pela sua asserção cultural.

I – As subculturas e consumos, o *trance* como analisador

1. De *Birmingham* até aos dias de hoje: produção das subculturas

As subculturas representam uma categoria socialmente construída, emergente no pós-guerra. As manifestações das mudanças sociais desse período dão origem à percepção social da existência de uma cultura juvenil. As subculturas aparecem como modos de vida, formas de relacionamento, de comunicação, de trabalho, de expressão, de pensar, atribuídas a um grupo social determinado, neste caso certos grupos de idade. São “sistemas de significações (...) desenvolvidos por grupos em posições subordinadas, como resposta aos sistemas dominantes de significações” (Brake, 1985; cit. por Fernandes, 1990, p. 56). Segundo Fernandes (1990) conceito de subcultura juvenil implica: “Formas de participação social e estilos de vida com configurações que permitem falar de uma cultura própria; tem por actores os sectores juvenis da população em confronto geracional com o mundo do adulto, veículo da cultura dominante” (p.58).

As produções do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham¹ no Reino Unido, desenvolveram uma análise destas várias culturas juvenis, sob a denominação de subculturas enfatizando: a) o estilo, enquanto modo de transformar objectos culturais ou de reutilizar estes objectos em locais e sítios diferentes; b) a resistência através de rituais e modos simbólicos e c) a relação dialéctica entre as subculturas, a cultura parental subordinada proveniente da classe trabalhadora e a cultura dominante.

Partir-se-á de uma obra central de 1976 que reúne os principais estudos do CCCS – *Resistance Through rituals* – da autoria de J. Clarke, S. Hall, T. Jefferson e B. Roberts, para dar conta das perspectivas emergentes. Uma das dimensões salientadas pelos estudos do CCCS diz respeito às classes sociais, à qual não é alheia a influência da ideologia marxista. Os vários autores, de modo mais ou menos acentuado, analisam as subculturas procedentes das classes trabalhadoras em termos de materialização de uma experiência de subordinação face às classes dominantes e sociedade hegemónica; materialização esta que não se constitui necessariamente através de oposição ou do confronto.

As subculturas emergem, funcionam e constituem-se na relação dialéctica entre a cultura parental² e as instituições mediadoras da cultura dominante. Providenciam uma estratégia de

¹ O conceito de subculturas foi historicamente iniciado antes mesmo do termo ter sido utilizado, se considerarmos os estudos desenvolvidos pela Escola de Chicago - termo usado informalmente para se referir várias gerações de sociólogos, os quais partilhavam determinadas preocupações e perspectivas acerca da sociedade e da cultura, muitos dos quais frequentaram o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. A Escola de Chicago representou uma das tendências teóricas iniciais desenvolvidas sobre as subculturas que as relacionavam com o desvio. A esta tendência opõem-se os estudos do CCCS de Birmingham que descentrou o estudo das subculturas do desvio (Carvalho, 2004; Fernandes, 1990).

² As diferentes classes originam subculturas as quais derivam e partilham, inevitavelmente, traços da cultura parental e que podem, ou não, procurar *resistir à cultura dominante*. Na organização das respostas às suas experiências, as subculturas das classes trabalhadores tomam alguns elementos, principalmente, da cultura parental, mas aplicam-nas e transformam-nas em situações e experiências características da sua própria vivência distintiva de grupo e de geração (Clarke *et al.*, 1976).

negociação da experiência colectiva dos grupos sociais subordinados, ao expressar e concretizar a sua posição e a sua experiência de subordinação. A ordem sócio-cultural dominante apresenta-se a si mesma (num determinado momento histórico) como a própria cultura, procurando definir e conter todas as outras culturas. Ora, se algumas das culturas subordinadas aceitam, outras lutam contra a cultura dominante, procurando modificá-la, resistir-lhe e mesmo fazê-la perder a sua “hegemonia”. Estas denominam-se *subculturas de resistência*. Se estes subconjuntos se distinguirem através da idade e da geração são denominados subculturas juvenis.

As subculturas abarcam um grande leque de possibilidades de vivência alternativas para os colectivos juvenis (do ponto de vista da sociedade dominante, desde as mais respeitáveis às delinquentes), podendo ser tipificadas de dois modos: *regulares*, caracterizando-se por características/traços persistentes da cultura parental; ou *irregulares*, aparecendo num dado momento histórico de uma forma visível, identificável e que pelas suas características são entendidas e rotuladas como desviantes.

Nos estilos de vida alternativos as subculturas procuram projectar diferentes respostas ou soluções, de modo simbólico, para problemas da cultura parental onde se inserem. Elaboram soluções através de rituais e estilizações, que expressam um modo de vida, de negociação e mesmo de resistência. No entanto, as subculturas não apresentam soluções políticas, pois as suas “resistências” são desenvolvidas, essencialmente, no âmbito do lazer e da expressividade, ainda assim, um campo limitado para as soluções que procuram.

Os elementos de classe e geracionais interagem entre uns e outros na produção de estilos de grupo distintivos, que constroem e apropriam, através dos materiais disponíveis para o grupo, uma resposta cultural visível e organizada. Tal é realizado de várias formas: a) pela conquista de espaços culturais nas instituições e na vizinhança, de tempo para o lazer e para a recreação, de espaço real na rua ou na esquina – apropriação do espaço e da territorialidade; b) pelo foco dado às *ocasiões-chave* da interacção social, como fim-de-semana, viagem de férias, a noite no centro da cidade; c) pelo desenvolvimento de ritmos, interacções e interesses específicos em relações estruturadas entre os seus membros e d) pela adopção e adaptação de objectos materiais para criar estilos que expressem o seu colectivo.

O estilo é, assim, outra das dimensões centrais no campo dos estudos do CCCS, representando em si mesmo uma forma de resistência das subculturas à cultura dominante. Neste âmbito Hebdige (1979) é um dos autores de referência, tendo analisado o movimento *punk* britânico no seu estudo *Subculture - the meaning of style*, no qual apresenta a seguinte definição de subculturas: “Subculturas são, então, formas expressivas, mas o que elas expressam é, em última instância, uma tensão fundamental entre aqueles no poder e aqueles

condenados a posições subordinadas (...) Essa tensão é expressa figurativamente na forma de estilo subcultural.” (p.132). As subculturas expressam “conteúdos proibidos através de formas proibidas”(id., p. 9), já que transgridem códigos autorizados (linguagem, visual e estética, etc.) através dos quais o mundo social é organizado e experienciado. Hebdige (1990) vai buscar o conceito de *bricolage*³ a Claude Levi-Strauss para exemplificar o desafio simbólico que as subculturas representam – a oposição à sociedade alargada é representada estilisticamente na subcultura quando esta adapta os objectos ou bens que existem na sociedade alargada, numa determinada posição e com determinado significado, e os rearranja noutra posição ou com outro significado. Perante a ordem fracturada dentro da cultura dominante, dá-se, por parte desta, um processo de recuperação para o restabelecimento da ordem e através do qual a subcultura é incorporada e diluída, ou mesmo destruída, no social dominante. Este processo de recuperação pode ser realizado de dois modos: através da conversão dos sinais da subcultura em produtos de massa, transformando-a em parte do social alargado (forma cómoda); ou através da redefinição, pelos grupos dominantes, das subculturas como desviantes (forma ideológica). De notar, no entanto, que apesar de distinguidas separadamente, a forma cómoda e a forma ideológica raramente ocorrem de forma separada e sem intercomunicação.

As diversas manifestações culturais juvenis que emergiram na Grã-Bretanha, posteriormente à Segunda Guerra Mundial, foram analisadas pelos autores associados ao CCCS da Universidade de Birmingham, enquanto subculturas juvenis, como, por exemplo: *mods*, *skinheads* e *punks*⁴. Em linhas gerais, esses estudos tinham como característica a percepção de que tais grupos se estabeleciam a partir do consumo de determinados géneros musicais, de actividades de lazer, de territorialidades, de indumentárias particulares e sociabilidades específicas. Estes conjuntos de expressões juvenis constituíam, na visão destes autores, expressões culturais diferenciadas, configuradas essencialmente pela questão de classe social, pelo que posicionavam esses grupos como manifestações subculturais que expressavam uma resposta às condições e vivências de classe social dos jovens da classe trabalhadora britânica.

A partir dos anos 80 começam a surgir diversas críticas ao conceito de subcultura, no modo como este é teorizado pelo CCCS da Universidade de Birmingham. As principais críticas desenvolvidas referem a sobrevalorização dos estilos espectaculares e a visão unidimensional de resistência e incorporação por parte da cultura dominante (Cohen, 1980, Frith, 1980, Stratton 1985, Thornton, 1995; in Gelder e Thornton, 1997). Consideram que o CCCS deixa de lado a visão das subculturas como formas de organização da vida quotidiana e

³ Modo de adaptação em que se altera o simbolismo dos objectos pela utilização diferenciada daquela conotada no social dominante ou por uma utilização fora do contexto “normativo” (Clarke *et al.*, 1976).

naquilo que realmente *fazem* (Blackman, 2005; Gelder e Thornton, 1997). Além disso a ênfase dada à resistência terá levado a uma subvalorização da participação das subculturas no comércio, o qual hoje se revela bastante relevante na formação dos estilos das actuais culturas juvenis. Ou seja, as críticas elaboradas apontam para o facto de os autores do CCCS da Universidade de Birmingham se referirem às subculturas como sendo homogéneas, como se o seu estilo e problemas fossem partilhados por todos os seus membros de igual forma, revelando pouco interesse pela estrutura interna daquelas.

A insistência na utilização do conceito subculturas para este estudo, implica uma reconceptualização, no que diz respeito à noção de resistência à cultura dominante pelas classes trabalhadoras. Mas o conceito mantém-se hoje como instrumento de análise útil para o estudo dos fenómenos juvenis, nomeadamente no que diz respeito ao consumo de drogas, que representa desde os anos 60 um elemento de expressão central em algumas subculturas (Carvalho, 2003, 2004; Fernandes, 1990).

a) Subculturas hoje

As subculturas ligam-se a possibilidades existenciais diversas e não tanto a ideologias explícitas, uma vez que as suas resistências se formam essencialmente a nível simbólico (Fernandes, 1990). Representam, deste modo, uma oposição que não é realizada de modo activo e consciente, mas na expressão de modos alternativos de existência. Neste sentido Stuart Hall (Clarke *et al.*, 1976) propõe a distinção entre pólo expressivo e pólo activista, sendo que o expressivo assenta no estilo e o activista na estratégia. O pólo expressivo refere-se ao indivíduo e aos elementos da alçada das emoções e das atitudes, enquanto que o pólo activista salienta o social e os elementos do domínio da actividade.

A oposição à sociedade alargada levada a cabo pelas subculturas não é realizada através de manifestações políticas e ideológicas explícitas, como se pode observar nos movimentos de contra-cultura dos anos 60 e 70 (Clarke *et al.*, 1976). Estes movimentos são mais difusos e realizam uma tentativa de criação de alternativas às instituições dominantes ou parentais, como novos padrões para a vida, família e trabalho – forma política e ideológica mais aberta, cujo objectivo tendencial é tratado como político. Pelo contrário nas subculturas a vida em grupo é ainda constrangida pelas instituições dominantes ou parentais e o seu conteúdo oposicional objectivo expressa-se socialmente através de elementos simbólicos, pelo que é muitas vezes assimilado pelo controlo cultural dominante. O uso simbólico de coisas e bens, a adopção de determinados tipos de lazer e de práticas sociais específicas servem, assim, para consolidar e expressar uma coerência interna – exprimem uma posição existencial e não tanto

⁴ Para uma caracterização e síntese das várias subculturas emergentes na Grã-Bretanha a partir da década de 40 ver Carvalho (2003, 2004).

uma ideologia alternativa, ainda que estejam em ruptura com cânones estabelecidos na sociedade. (Clarke *et al.*, 1976; Fernandes, 1990).

Se as subculturas são hoje pouco elaboradas do ponto de vista racional, correspondendo a “conjuntos de elementos expressivos, que num dado momento temporal conformam as vivências dos adolescentes ou, pelo menos, se constituem como referência arquetípica” (Fernandes, 1993, p. 20), elas constituem-se como um conjunto de elementos que organizam o campo existencial do próprio jovem, pelo menos, como resistência à normatividade dos adultos. Os elementos expressivos particulares de uma subcultura permitem ao adolescente, na procura da sua autenticidade e individualidade, a construção da sua *auto-imagem* e da *imagem pública* (Fernandes, 1993). Deste modo, as subculturas oferecem ao jovem a oportunidade de se encontrar a si próprio no mundo social dos outros, mas “com o suporte duma solidariedade grupal” (Brake, 1980; cit. por Carvalho, 2004, p. 187). As subculturas permitem um enquadramento para a construção da identidade desenvolvida na adolescência. Além disso, adoptam manifestações que vão contra os cânones estabelecidos pelo mundo do adulto, já que a expressão, o visual e as músicas do *mundo juvenil* são traços que, em princípio, estão em constante contradição com a normatividade adulta. Nem todas as subculturas se enquadram no âmbito do desvio ou da delinquência, mas apresentam-se sempre como um desafio simbólico, pelo que perante o social alargado “as subculturas são não só impenetráveis e incompreensíveis como também fundamentalmente corruptas. Configuram um sub mundo. São, em suma, desviantes” (Garrat, 1997, cit. por Carvalho, 2004).

Perante a ordem fracturada a sociedade dominante reage através dos processos de recuperação já referidos e nos quais a mediatização e a massificação têm um papel central (Hebdige, 1979). De facto, as subculturas mantêm uma relação com os meios de difusão de massas e com o mercado, de certo modo, ambivalente, pois por um lado é a comunicação social que as rotula como desviantes, ao mesmo tempo que as explora mediaticamente⁵ (Carvalho, 2004). Hebdige (1979) e Monod (1970; in Romaní, 1999) referem que essa será uma das razões da efemeridade das subculturas, já que ao evidenciarem certas contradições da sociedade em que vivem e que as podem afectar directamente, rapidamente são destruídas também através da integração no seio da sociedade global. As subculturas caracterizam-se também por serem geracionais, pelo que as gerações de adolescentes que constituem as subculturas deixarão de o ser a dado momento (Romaní, 1999).

⁵ Centrando-nos nos meios de comunicação social, podemos constatar neles a existência de um contraste entre as imagens abstractas da juventude, de cariz positivo, nas quais a apresentam como um ideal de futuro e esplendor do presente - imagens relacionadas com o processo de juvenilização das sociedades industriais contemporâneas - e imagens concretas de jovens que tantas vezes aparecem ligadas a temas que se prestam a tratamentos mais ou menos escabrosos, como a delinquência, a dependência de drogas ou a violência em geral - relacionada, por sua vez com o processo de marginalização factual de (pelo menos) grupos importantes de jovens (Romaní, 1999)

Procedeu-se á caracterização de algumas dimensões das subculturas que permanecem vigentes e são instrumentais para o enquadramento do objecto - o movimento *trance* (Carvalho, 2004).

b) Drogas e subculturas

A relação entre os consumos de drogas e os contextos subculturais onde estes, por vezes, ocorrem, tem vindo a demonstrar a necessidade de se considerar o contexto para a compreensão deste fenómeno. Desde os estudos da Escola de Chicago que incidiam nas relações sociais e no comportamento humano no meio urbano até aos estudos subculturais desenvolvidos no CCCS de Birmingham, o consumo de drogas tem vindo a ser estudado enquanto fenómeno social, diferenciado do natural por ser dotado de significado e intencionalidade (Gelder & Thornton, 1997). Os estudos desenvolvidos produzem, juntamente com as racionalidades teóricas que lhes subjazem, uma evolução destas, derivando na antropologia urbana, no interacionismo simbólico e teorias processuais, estas últimas do âmbito da sociologia (Fernandes, 1990). A racionalidade subjacente destas abordagens centra-se “no papel das drogas e no significado e componentes simbólicas das condutas do seu consumo” (*id.* p. 51). Neste sentido Fernandes (1990) refere que o consumo de drogas é concebido como processo psicossocial que ocorre no grupo, o qual abrange “o processo pelo qual alguém adere a determinado comportamento desviante e o elege como carreira”⁶ (p. 66) e tem como suporte as subculturas, uma vez que são nestas que ocorrem os processos de aprendizagem em grupo e as atribuições simbólicas ao comportamento. Os diversos fenómenos/comportamentos sociais, no qual incluímos o consumo de substâncias, englobam símbolos, significados e sentidos atribuídos pelos actores sociais aos seus comportamentos. As subculturas juvenis, proporcionando o enquadramento do qual resultam as atribuições e respectivas aprendizagens do consumo de substâncias, integram-no e instrumentalizam-no. Neste sentido, trata-se a droga enquanto experiência com uma funcionalidade própria para um determinado sector cultural juvenil, que se distancia daquela veiculada pela cultura dominante.

Chegamos, então, a um dos papéis que tem sido atribuído às culturas juvenis, no uso de substâncias psicoactivas. A crescente massificação do consumo, por alguns sectores juvenis, a partir dos anos 50 e 60, veio criar um espaço nas várias ciências para o estudo destes dois objectos em inter relação. De modo geral, pode-se dizer que nos anos 50 e 60 a juventude dos países anglo-saxónicos (primeiro e depois de toda a Europa) gera uma cultura autónoma própria e transgressora, no sentido em que recusa e contradiz a sociedade dominante,

⁶ “Carreira” é utilizado a partir do sentido dado por Howard Becker (1963), o qual introduz na sua obra “The outsiders” a ideia de tempo e de processo, através dos quais um indivíduo se passa a conceber a partir da sua conduta desviante, passa a conceber-se “como gansado” (Fernandes, 1990).

utilizando vários recursos, entre eles, o consumo de substâncias psicoactivas (Carvalho, 2003, 2004; Fernandes, 1990, 1993; Romani, 1999).

No campo das subculturas um dos trabalhos mais referidos por autores que tratam os fenómenos droga e juventude em interrelação tem sido o *Outsiders* (1966) de Howard Becker (in Gelder e Thornton, 1997). Este autor analisa a cultura dos músicos de jazz e o consumo de marijuana, bem como o modo como as pessoas se tornavam consumidoras de marijuana – desenvolvimento de *carreiras*, enquanto tal. Becker (1966; in Gelder e Thornton, 1997) descreve este consumo como um fenómeno social e inclusive colectivo em que a subcultura é o contexto onde a aprendizagem e significados atribuídos são realizados. Assim, o colectivo onde o consumo se realizado, é essencial para a interpretação e significação não só dos efeitos que produz a droga mas para o seu enquadramento enquanto comportamento desviante.

Jock Young no livro de 1971, *The drugtakers* (Gelder e Thornton, 1997), analisa o papel da droga na comunidade negra do guetto e os jovens boémios. O autor refere que o consumo de drogas tem de ser visto no contexto de valores grupais, uma vez que “o homem é o único animal que dá significado às suas acções e é o seus sistema de valores que providencia estes significados” (in Gelder e Thornton, p. 71). Para algumas subculturas o uso de drogas é um instrumento que permite construir possíveis soluções para os seus problemas, soluções essas que não podem ser encontradas na cultura dominante⁷.

Willis (1983; in Fernandes, 1990) caracteriza os movimentos contraculturais *hippies* como arquetípicos ao nível do uso de drogas, que é enquadrado como experiência de liberdade e de corte com a classe média, de onde eram oriundos grande parte dos jovens que a constituíam. As drogas protagonizam a possibilidade de experiências relacionadas com a valorização do indivíduo e recusa das normas e valores impostas pela cultura dominante. A droga é afinal um *placebo* cultural: “é a chave para a experiência mais do que a experiência em si” (Willis, 1983, cit. por Fernandes, 1990, p. 65)

Romaní (1999) apresenta a evolução dos derivados do cannabis em Espanha desde o pós guerra até aos anos setenta, pois a história do haxixe está ligada, em determinados momentos históricos concretos, à existência de determinadas subculturas juvenis. A integração, nas últimas fases de desenvolvimento das sociedades urbano-industriais, de dois tipos de processos sociais contemporâneos distintos – juventude e drogas – propiciaram a aparição de usos específicos das drogas pela juventude. A cultura do haxixe é configurada a partir de três correntes distintas: a) os *grifotas*, homens que tinham estado no Norte de África com a Legião

⁷ Para Young (1971) a cultura dominante procura socializar para a ética do trabalho, através das recompensas materiais que oferece, sendo a eficácia do trabalho o meio para as atingir (in Gelder e Thornton, 1997). No entanto, se os meios para atingir esses objectivos não são possíveis, ou se essas recompensas não são valorizadas, como acontece no grupo de jovens boémios, os grupos procuram soluções alternativas para resolver os seus problemas, sendo o uso de drogas um deles (*id.*).

Espanhola e que dali tinham importado uma certa cultura da *grifa* (forma de apresentação da marijuana); b) os *rockers*, sectores juvenis das classes trabalhadoras ou médias que tinham uma posição de clara recusa do modo de vida da sociedade *cinzenta*, expressa simbolicamente e em que a *grifa* ajudava a conseguir o tom que acompanhava a sua vida e c) os *estudantes*, os quais se começam a interessar pelos movimentos contraculturais (cujas formas tinham incorporado no seu movimento estudantil), o que coincide com o descobrimento da *grifa*. Este grupo em contacto com os anteriores dá origem à subcultura *Hippie freak* que tem como intenção viver a vida no instante e o melhor possível. Esta subcultura rompe com o modelo de vida dominante a nível económico, social, ideológico e político, em que o uso do haxixe representa um elemento simbólico distintivo.

Fernandes (1990) no trabalho *Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas* observa os grupos juvenis de um contexto recreativo da cidade do Porto – a ribeira. Este território urbano, enquanto espaço subcultural, agrega vários grupos juvenis, entre eles jovens consumidores de drogas. O autor distingue, através de elementos expressivos próprios, referindo duas culturas juvenis e o seu relacionamento com as drogas: o “*freak flauta*”, sector herdeiro do *hippie*, utiliza as drogas leves com funções simbólicas ligadas à afirmação de uma diferença e ao distanciamento em relação aos valores da sociedade convencional e o *junkie*, para o qual as drogas são centrais no modo de vida, através da sua dependência física e psíquica e da sua subsistência através do pequeno tráfico. De notar que o autor refere que nem um nem outro destes sectores são categorias unívocas, uma vez que se alargam em subtipos dependentes da época em que surgem e do meio social de origem.

Por último, refira-se o trabalho de síntese e caracterização de Carvalho (2003, 2004) das diversas formas que a cultura juvenil tomou a partir do pós-guerra. Salientam-se aqui essas diversas subculturas na relação que mantiveram com o uso de substâncias e significados associados: os *beatnick*, em que o álcool e a heroína serviam o processo criativo eram instrumento para a crítica aos valores da sociedade dominante; os *Ted* ou *rocker*, em que o álcool e tabaco permitiam sobretudo a afirmação de uma imagem de virilidade; os *Mod* em que as anfetaminas servem a recriação, permitindo estender o tempo de diversão em formas colectivas de concertos; os *hippies*, em que os ácidos servem a amplificação da experiência e, por último, os *punks*, em que o uso de drogas é ele próprio a experiência e não o meio de a atingir. O papel das drogas é interpretado pelos vários autores como sendo definido e formado nos diferentes grupos culturais onde o consumo tem lugar. Assim, dentro das subculturas as substâncias convertem-se em signos de pertença ou de identidade cultural, como a música e os visuais, cujo *papel, significado e componente simbólica* se diferenciam do sistema dominante e que varia de acordo com cada colectivo, momento histórico e substância.

2. Novos consumos de drogas

O uso e abuso de drogas, tal como o conhecemos actualmente, é um fenómeno relativamente recente cujo início podemos situar nos anos 60 embora se detecte, na década de 90 um desenvolvimento diferenciado e rapidamente divulgado (Shapiro, 1999; in European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction [EMCDDA], 2002). Se antes dos anos 60 o uso de drogas ilegais estava associado normalmente a grupos marginais, a partir dessa década estes usos representam uma novidade quanto à sua expansão por vários sectores da juventude (Beck 1993; Fernandes, 1990). Mais concretamente os movimentos contraculturais da sociedade, existentes nos EUA nos anos 60, vêm nas drogas um elemento relevante e aliado. As drogas convertem-se num primeiro estado de transgressão, tal como a indumentária e outros elementos estéticos. Outros colectivos juvenis emergentes no pós-guerra integram o uso de drogas nas suas práticas subculturais como traço expressivo, entre outros, de diferentes sensibilidades. Apesar do mediatismo que algumas destas subculturas obtiveram inclusive no que diz respeito ao uso de drogas, o aparecimento da heroína no final dos anos 70 nos países industrializados e, mais tardiamente em Portugal, faz com que esta substância assuma centralidade no discurso sobre o fenómeno das drogas (Fernandes, 1990).

A cocaína acompanha, de certo modo, a heroína, mas o espaço que ocupa é bem menor, mais circunscrito à classe média e média alta, pois relaciona-se com o êxito e o prestígio numa sociedade altamente competitiva (Díaz 1992; in Calafat, Juan, Becoña, Fernández, Gil & Llopis, 2001).

Finalmente, na década de noventa observa-se a perda da centralidade da heroína no discurso social, por um lado, pela passagem da cocaína para primeiro plano e de novos tipos de estimulantes em geral e, mais concretamente, das chamadas drogas de desenho; e, por outro, pelo aparecimento de usos problemáticos de álcool, associados a padrões de consumo mais arriscados em populações mais jovens (Romani, 1999).

O termo *drogas de desenho* foi atribuído por Gary Henderson, farmacologista da Universidade da Califórnia, durante os anos sessenta (Matínez, González, Ojanguren & Garcia, 2003) e designa um conjunto de compostos químicos criados e sintetizados especificamente com vista ao consumo recreativo. Estas substâncias apareceram com o propósito de produzirem o mesmo tipo de efeitos que outras substâncias ilícitas, procurando, pelo facto de serem novidade, contornar o obstáculo legal (Beck, 1993; Gamella & Róldan, 1999; Saunders, 1996). Quase nunca se trata de drogas originais, mas sim de fármacos conhecidos que não foram explorados comercialmente por carecerem de usos terapêuticos e que se descobrem mais tarde como drogas recreativas ou psicadélicas. São drogas diferentes no sentido em que não se apoiam em substâncias naturais. Assim, o nome drogas de sínteses é

um conceito mais social que farmacológico atribuído às drogas não terapêuticas e de uso ilícito, pois são também sintéticas as drogas produzidas legalmente que se destinam ao consumo lícito (Beck, 1993; Gamella & Róldan, 1999; Saunders, 1996). Dentro do grande leque que abarca o termo drogas de síntese, talvez a mais conhecida seja o MDMA ou o ecstasy, que mais do que uma substância, pertence a um grupo de drogas de síntese de derivados anfetamínicos e cujos efeitos podem ser principalmente estimulantes, alucinogénicos ou uma combinação de ambos⁸.

Apenas se tem notícia das denominadas drogas de desenho finais da década de oitenta, tendo um início elitista e minoritário, sendo nos anos 90 que se dá um verdadeiro aumento do seu consumo. Este consumo desenvolve-se debaixo de uma impressão geral de inocuidade, fundamentalmente ao compararem-se com as drogas que se vinham consumindo antes e que das quais já se conhecia o seu efeito desestruturante, como foi o caso da heroína. O seu consumo começa a aliar-se, geralmente, a ambientes lúdicos de fim-de-semana, a determinados tipos de música de dança, a certos tipos de festas, assim como a diversão em grupo (Gamella & Róldan, 1999). Deste modo a designação *novas drogas* decorre essencialmente da percepção social construída entre os últimos 20 anos deste tipo de consumo (Viana, 2002). Para isso concorrerá o facto de serem alvo de particular atenção das autoridades e comunicação social e tendo por consequência um forte incremento da sua visibilidade pública (Gamella e Róldan, 1999; Viana, 2002).

À medida que, a partir dos finais dos anos 80 e início de 90 estas substâncias, juntamente com outras já mais conhecidas, se começam a associar aos contextos recreativos de alguns sectores juvenis, surge uma outra nomenclatura - *drogas recreativas*. Este termo engloba uma série de substâncias cuja característica comum não é a estrutura química, nem o tipo de efeito psicotrópico, mas sim o facto de se distinguirem por serem ilegais e serem utilizadas, frequentemente, em contextos recreativos sobretudo o fim-de-semana (Calafat & Juan, 2003; Viana, 2002). A designação *drogas recreativas* começou a ganhar mais exposição também devido à consequente massificação das chamadas drogas de desenho, sobretudo no nosso país, nos últimos 15 anos (Viana, 2002). Actualmente esta expressão engloba, então, uma vasta panóplia de substâncias psicoactivas que vão desde as denominadas drogas de desenho às “velhas drogas”, como o cannabis e a cocaína. Trata-se, então, segundo Viana (2002) de um:

Comportamento social, com características etnográficas próprias, que ocorre geralmente em contexto grupal, previamente ou durante ambientes festivos, frequentemente associados a eventos e espaços, formais e informais, de música e dança,

⁸ O grupo de drogas de sínteses a que pertencem “os ecstasy” distingue três tipos: derivados com propriedades primariamente estimulantes (DOM ou STP, DOB e a 2CB ou “nexus”); derivados que induzem efeitos alucinogénicos com doses muito baixas; e os derivados que combinam os efeitos estimulantes com as distorções cognitivas (MDA ou “droga do amor”, MDMA ou “ecstasy”, MDEA ou “Eva” e MDBD ou “éden”) (Gamella e Róldan, 1999).

com o propósito de gerar relaxamento, desinibição, euforia e diversão, teoricamente sem a existência de critérios definidores de dependência, em face da substância ou existência de comportamento compulsivo no consumidor. (p.69)

As drogas recreativas são então aquelas que se têm mostrado, no sector juvenil, associadas à transformação, quer dos padrões, quer dos contextos de consumo, assim como o lazer do fim-de-semana, a música, a dança, as ocasiões ou festas especiais e o ambiente nocturno. Apesar do uso recreativo de drogas ser baixo na população geral, este é muito superior entre as pessoas que frequentam os contextos nocturnos de diversão (EMCDDA, 2002). No entanto isto não é uma relação estática e de facto diferentes grupos ou colectivos de jovens preferem ou identificam-se mais com um tipo de música, com um estilo de vida e com um determinado consumo (*id.*). Têm sido vários os estudos que mostram uma ligação entre o estilo de ócio juvenil e práticas de consumo de substâncias psicoactivas (Jiménez & Bernal, 2005). Veja-se a título de exemplo um estudo (Calafat, Bohrn, Juan, Kokkevi & Maalsté, 1999) realizado com 2.700 jovens europeus e 1.998 entrevistados em zonas recreativas que mostra de alguma forma uma ligação entre determinados tipos de música e preferência por determinados tipos de consumo: aqueles que gostam de *house*, *jungle*, *drum & bass* e *funky beats*, são os que mais tendem a consumir drogas de síntese; aqueles que gostam de música *pop*, música melódica ou salsa são mais moderados nos seus consumos; e aqueles que gostam de *rock* e *reggae* tendem a consumir preferencialmente álcool e cannabis, mas não drogas de síntese.

A tendência para o consumo de substâncias psicoactivas, em contextos de diversão delimitados, parece não ser tão evidente no uso de cannabis. Esta substância, apesar de ser muitas vezes exclusiva de fim-de-semana, em certos círculos de jovens estende-se a ambientes, em princípio afastados da concepção recreativa, como a escola ou universidade, ou mesmo, em casa (Gamella & Jiménez, 2005; Suárez, Tomás & Tomás, 2003). Em muitos países ocidentais mais de um terço da população compreendida entre quinze e os 50 anos já consumiram algum derivado de cannabis (Iversen, 2001; in Gamella & Jiménez, 2005). Parece haver uma normalização desta conduta que é cada vez mais comum e reiterada e que não se limita, como é o caso das outras drogas, a contextos de diversão.

De modo geral, o uso de drogas nos contextos recreativos encontra-se ligado a funções sociais positivas como as relações sociais, o uso do tempo livre e a diversão, podendo constituir-se como um contexto para a construção da identidade pessoal. Assim os espaços de ócio convertem-se em âmbitos de identificação dos diferentes grupos, configurando espaços simbólicos onde as normas e comportamentos se consideram próprios do estilo geracional,

fora do controlo dos adultos⁹. Além disso, o tempo do ócio e a juventude, na nossa sociedade têm uma enorme projecção económica que conforma novas relações de mercado com os sectores juvenis (Carvalho, 2004; Romani, 1999; Suárez *et al.*, 2003).

Os novos padrões de consumo de substâncias recreativas parecem ser uma actividade mais, entre outras (e não necessariamente a mais importante), nos estilos de vida e nas diferentes formas de viver e interpretar o tempo livre, que são parte do processo de socialização e diferenciação dos jovens. No seu estudo Kemmesies (2001) ao considerar os motivos, assim como o fundo psicossocial do consumo de drogas, avança com a hipótese de se perfilar um estatuto especial das drogas ilegais, as quais se convertem num símbolo social, assim como um estilo de vida, um símbolo de pertença a uma corrente subcultural.

Outro elemento associado a estes novos padrões de consumo é o facto de a maioria dos usos recreativos de drogas ser realizado por jovens que não correspondem a franjas marginalizadas da sociedade e que se encontram socialmente integrados (EMCDDA, 2002). Constata-se, também, dentro dos sectores profissionais, a heterogeneidade dos utilizadores de drogas ilegais, incluindo-se o reconhecimento daqueles socialmente normalizados (ao nível do trabalho, família, etc.) (Romani, 1999).

O uso recreativo de drogas não se parece caracterizar por padrões de abuso problemáticos, tal como os que são conhecidos no fenómeno da heroína. Para grande parte dos consumidores de drogas ilegais esta utilização não deriva em formas de consumo que: a) podem ter efeitos negativos, problemáticos, sobre questões vitais do quotidiano; e b) são socialmente evidentes e puníveis desde o ponto de vista legal (Bühringer *et al.*, 1997; in Kemmesies, 2001). A maioria dos usos recreativos de drogas integra um estilo de vida consumista e relativamente equilibrado (EMCDDA, 2002). Tal não significa que não existam, de facto, determinados padrões de consumo que formam parte de processos mais complexos que encerram condutas mais problemáticas. No entanto, apesar de tal se verificar, isto não parece constituir uma característica definidora, nem sequer distintiva, do fenómeno (*id.*). Para a maioria destes jovens consumidores existe uma clara dissociação entre os seus consumos e o uso marginal atribuído à heroína, o qual é recusado por completo (Calafat *et al.*, 1999; EMCDDA, 2002; Fernandes & Carvalho, 2003; Ribeiro, 2004; Viana, 2002).

Por último, outra característica destes novos padrões de uso de drogas nos contextos recreativos, tem sido o policonsumo, se bem que este se diferencie em função das substâncias e contextos. Não se dará aqui conta desta dimensão, remetendo-a para o capítulo *trance enquanto subcultura*, onde se a explorará.

⁹ Veja-se em relação ao consumo do ecstasy Alarcão (2000) e López (2007) (in Mendes & Lomba, 2008), Chaves (1998) Gamella e Roldán (1999) e de modo geral em relação ao consumo recreativo Gefaell, González e Ferran (2003), Gonzáles e Bueno (2003) e Suárez *et al.* (2003).

3. Trance como analisador

a) Género musical e forma de fazer a festa

A música desde os anos 50 surge associada a um mundo juvenil e relacionando-se com um papel social, uma ideologia e/ou estilos de vida ligados a determinadas estéticas (Carvalho, 2004; Fernández, 2003; Forsyth, Barnard, & McKeganey, 1997). Neste sentido não é surpreendente que a música electrónica e/ou música de dança¹⁰, mais concretamente o género denominado *trance*, se constitua ele também como elemento expressivo duma subcultura.

O início da música electrónica pode ser apontado nos anos 70 pelo aparecimento do *disco-sound*, que surge como produto da comunidade afro-americana e se constituía pela introdução de batidas electrónicas e sintetizadores em músicas (tradicionais) do género *rock* e *pop* (Gamella & Róldan, 1999; Grynszpan, 1999; in Carvalho 2004). À medida que os *Disco Jockeys*, da cena nocturna americana e norte europeia, começam a misturar música e excertos de música com partes instrumentais rítmicas, os sons electrónicos começam a ocupar sozinhos as músicas difundidas nos clubes e discotecas de dança (Silva, 2006), começando-se a delinear dois dos principais géneros musicais da música electrónica: o *house* e o *techno*¹¹. O *techno* cresceu ao ponto de se tornar um fenómeno global, tendo um papel crucial no desenvolvimento das *cenas club e rave* (Gamella & Róldan, 1999; Saunders, 1996).

O *trance* desenvolve-se a partir do *techno*, não só enquanto género musical, mas também no tipo de eventos que lhe estão associados: “a *rave* – reveladora de como a associação entre um género musical e um tipo de festa é, também nas manifestações da cultura juvenil, uma constante” (Carvalho, 2004, p. 97). O *trance* enquanto género musical caracteriza-se por cento e trinta e cento e sessenta batidas por minuto, apresentando partes melódicas de sintetizador e uma forma musical que progride durante a composição, seja de forma crescente ou através de quebras (Carvalho, 2004, Gamella & Róldan, 1999, Saunders, 1996). Este género emerge enquanto género musical no início da década de 90, mas a sua formatação enquanto *festa multidinária* deriva do *acid house*, originário do Reino Unido (Gamella & Róldan, 1999). As primeiras gravações realizadas começaram não exactamente pelo *trance*, mas sim pelo *acid house*, mais precisamente pela banda *The KLF*, os quais utilizaram o termo *pure trance* para designar algumas gravações que fizeram um grande sucesso comercial em 1991 (Carvalho, 2004; Gamella e Roldán, 1999). O termo pretendia designar um estado de

¹⁰ A música de dança diferencia-se da música electrónica pois apesar de se constituir por este género musical, designa também elementos mais amplos como indumentários e lúdicos, além do que a música electrónica se encontra hoje em dia difundida em diversos estilos musicais (Gamella e Roldán, 1999).

¹¹ O *house* é um género musical que se constitui, essencialmente, por batidas quatro por quatro, sons de baixo e vozes e cuja origem da palavra vem de Chicago através do nome da discoteca *Warehouse* (Carvalho, 2004; Silva, 2006). O *techno* tem a sua origem no *house*, mas constitui-se como um género à parte, na medida em que suprime as vozes (Grynszpan, 1999; in Carvalho, 2004) e as substitui por segmentos sonoros com uma duração curta (*samples*) (Racine, 1999, *id.*).

transe e de libertação espiritual provocada pelas batidas repetitivas e pelas melodias progressivas, as quais criavam os sons hipnóticos que caracterizavam o género (Carvalho, 2004; Gamella e Roldán, 1999; Saunders, 1996).

O *acid house* anunciou-se em Manchester entre 1987 e 1988, a partir da sua popularidade em Ibiza, ilha espanhola frequentada por muitos turistas ingleses (Gamella e Róldan, 1999; Saunders, 1996). Os *Disk Jockeys* que passaram por Ibiza no verão de 1987, ao regressar a Inglaterra, procuram recriar a “cena festiva” de Ibiza e a mistura de estilos musicais e indumentárias que aí se viveram dando origem ao *acid house*¹², que tem como principal evento a *rave*¹³ – tipo de festa em que se dança ao som de música electrónica e onde predomina um ambiente cenográfico específico através do uso de tecnologia (Gamella & Roldán, 1999). A *rave* institui-se pela congregação de centenas de milhares de jovens que dançam ao som de um novo género musical durante horas a fio e surge como um esforço para converter cada evento numa experiência única e memorável a partir da qual a música gravada ganha um novo estatuto, deixando de ser o irmão *pobre* dos concertos ao vivo (*id.*).

Surge, assim, um novo movimento juvenil que combina elementos musicais, indumentários e lúdicos, sob a forma de festas que procuravam, nos seus inícios, reviver a atmosfera dos míticos encontros dos anos 60, como o Woodstock de 1969 (Gamella & Róldan, 1999). Desde os seus inícios o *acid house* apareceu como semelhante à revolução *hippie*, mais pela abundância de discursos e imagens alucinogénicas, do que propriamente pela modernidade dos seus valores e crenças¹⁴ (*id.*). Ainda assim, podemos considerar que perante a cena política e social vivida na altura no Reino Unido¹⁵, o movimento proporciona na experiência colectiva, uma cisão com essa imagem de autoritarismo pela afirmação de uma ética de escolha e de liberdade (Collin, 1997; in Carvalho, 2004). De acordo com Gamella e Róldan (1999) este movimento nunca foi um movimento *underground*, propriamente dito, mas adquiriu esse sentido para os seus actores devido à reacção social e política da sociedade inglesa. De um modo geral, podemos considerar que as várias actuações políticas e policiais¹⁶ contribuíram para publicitar o fenómeno e dotá-lo de significados de rebelião e inconformismo. Isto ajudou a estender o movimento entre os vários públicos juvenis. Os actores apropriaram-se do sentido de inconformismo e *underground*, mais a partir do

¹² Além deste nascimento no Reino Unido pode também ser mencionado o começo do movimento *trance* em clubes nocturnos alemães durante os meados da década de 1990 como uma ramificação do *techno.*, sendo Frankfurt também frequentemente citada como o berço do estilo (Saunders, 1996).

¹³ O termo *rave* foi inicialmente usado por emigrantes caribenhos em 1960 para denominar a sua festa local, tendo depois, em meados da década de 80, utilizado na descrição da cultura que emerge do movimento *acid house* (Saunders, 1996).

¹⁴ Os autores Gamella e Roldán (1999) consideram que o movimento apesar de defender um certo hedonismo, tribalismo e ecologismo, bem como a quebra da ordem estabelecida, apenas o faz para se suportar melhor como movimento.

¹⁵ M. Collin (1997; in Carvalho, 2004) destaca a ética tatcheriana, referindo-se à política da primeira-ministra inglesa da altura, que se caracterizava por uma postura pontuada pelo materialismo, autoritarismo e limitações às liberdades individuais.

¹⁶ Refira-se a aprovação pelo parlamento britânico do Criminal Justice and Public Order Act em 1994 que passou a proibir as *raves* e a autorizar rusgas da polícia para as dispersar (Gamella e Roldán, 1999).

movimento dos meios de comunicação social, do que propriamente de uma característica intrínseca desta subcultura¹⁷.

Associadas às *raves* surgem também as drogas de desenho, como o ecstasy, bem como as drogas alucinógenas, já popularizadas nos anos 60 através do movimento *hippie*, que funcionam como catalizadores, tanto para provocar o estado emocional adequado, como para favorecer a camaradagem e a capacidade física para dançar durante horas. A mediatização e os elementos expressivos que lhes estavam associados fazem com que em poucos meses após o início das *raves* se passe da experimentação estética à exploração comercial, originando os diferentes géneros musicais, inclusive o *trance* (Gamella & Róldan, 1999; Saunders, 1996).

Em Portugal, o movimento *trance* chega a meio da década de 90, tendo sido o género musical, entre a música electrónica, que mais tarde se instala em Portugal, mas também aquele que teve um maior crescimento nos últimos anos (Silva, 2006). Ainda assim, o movimento *rave* já tinha aparecido em Portugal¹⁸, configurando-se, no entanto, por um núcleo duro de adeptos que permanecia mais ou menos inalterado e ainda na esfera do *underground* (Carvalho, 2004). Será pela abertura do movimento às massas, e pela sua aproximação aos grupos urbanos desfavorecidos, que este se afastará das elites. A partir do momento em que o movimento *rave* deixa de funcionar para as elites, estas encontram formas de distinção e diferenciação no movimento *trance* que passa a funcionar como alternativa (*id.*).

b) Movimento trance enquanto subcultura

As actuais expressões das culturas juvenis ligadas à música de dança apresentam-se, ao nível da literatura, como bastante variadas e heterogéneas. Enquanto objecto têm sido estudadas a partir de diferentes dimensões e valorizando-as, tais como o consumo de substâncias psicoactivas e/ou o estilo musical (Carvalho, 2003).

É consensual a constatação da ligação entre os actuais padrões de consumo de substâncias de síntese como o ecstasy e derivados e os contextos recreativos de música de dança (Cap. I). Estes contextos apesar de se diferenciarem, a um primeiro nível, pelo género musical e representarem distintas configurações dentro do meio festivo (Carvalho, 2004; Chaves, 2003; Gamella e Róldan, 1999; Silva, 2006), apresentam ainda assim aspectos transversais.

São contextos recreativos do tipo *rave*, cuja duração se estende, desde a noite até às primeiras horas da manhã, ou mais, e onde a dança é um dos elementos centrais (Saunders,

¹⁷ Neste sentido e tal como já foi referido, Hebdige (1979), considera que as subculturas são, pelo menos em parte, representações das representações que a classe dominante tem acerca das próprias subculturas, sendo que os elementos retirados destas representações acabam por ter “eco” nas práticas significativas das várias subculturas.

¹⁸ Carvalho (2004) refere a *Festa no Castelo de Montemor* em 1991, como um possível marco para o início do *raving* em Portugal, a que se seguiram mais duas festas no mesmo local em 1993 e 1994 já com mais sucesso e maior número de adeptos.

1996). Os actores são, na grande maioria dos casos, jovens que têm uma vida estruturada e socialmente adaptada (Carvalho, 2004; Chaves, 1998, 2003; Gamella e Róldan, 1999; Henriques, 2003; Saunders, 1996).

Estes contextos criam, em espaços e tempos bem delimitados, “mundos sociais” onde predominam os valores da liberdade e do hedonismo, funcionando como ponto de encontro entre pessoas que procuram um prazer individual, securizado por estar assente num colectivo com comportamentos semelhantes (Chaves, 2003; Henriques, 2003; Viana, 2002). Encerram, assim, uma convivialidade e um quadro relacional próprio e associam-se a estilos de vida assentes em lógicas alternativas de libertação e identificação. Deste modo, o consumo de drogas nestes contextos acompanha outros signos identitários de pertença grupal como a indumentária, o gosto musical, os interesses, etc. (Carvalho, 2004; Chaves, 2003; Henriques, 2003; Viana, 2002). Os eventos e consumos de drogas correspondem a certas ocasiões que contrastam com as restantes presentes no dia-a-dia e interligam-se na procura de uma certa evasão do quotidiano e mesmo da realidade, valorizando-se uma “outra” experiência (Chaves, 1998, 2003; Henriques, 2003; Relvas, Lomba, Mendes, 2008; Viana, 2002).

Ao nível dos consumos, os contextos de música de dança são, de modo consensual, conotados com a utilização de drogas sintetizadas. O cannabis é consensualmente uma substância sempre presente, seguida do ecstasy e outros derivados anfetamínicos e reconhecem-se modelos de policonsumo e de diversidade psicotrópica que parecem apenas deixar de lado a heroína (Chaves, 2003; Gamella e Róldan, 1999; Henriques, 2003; Saunders, 1996; Viana, 2002). Os consumidores partilham uma valorização positiva dos efeitos hedónicos das substâncias, que se ajustam aos objectivos dos contextos (Chaves, 1998, 2003; Henriques, 2003; Viana, 2002). A assumpção de riscos adquire um certo carácter normativo dentro da cultura recreativa, já não sendo a expressão de uma rebeldia, mas um modo para assumir objectivos convencionais (Relvas *et al.*, 2008), o que leva Henriques (2003) a referir-se ao “risco cultivado”, já que os consumos são legitimados e valorizados, enquanto actos voluntários dentro de uma escolha pessoal, considerando-se compensadores.

Não obstante esta aparente homogeneização dos diferentes contextos recreativos, estes conformam diferentes universos simbólicos em que os usos de drogas, a par da música, estética e outros sinais, permitem reconhecer diferentes grupos juvenis, com diferentes expressões (Henriques, 2003; Relvas *et al.*, 2008; Silva, 2006; Viana, 2002). Assim, tipos de substâncias, padrões de uso de drogas, significados e sentidos atribuídos não são independentes dos contextos a que se reportam.

A este propósito Chaves (2003) descreve acerca do meio *rave* em geral, éticas de participação, que encerrariam “um conjunto de finalidades, regras de comportamento e formas

de avaliação comportamental” (p. 191) – a ética de *informalização e descomprometimento*, a ética *empática*, a ética *militante*, a ética de *apresentação e sedução* e ética de *aprendizagem*. Cada uma se refere a interpretações diferenciadas dos contextos recreativos e dos consumos de substâncias. A ética de *informalização e descomprometimento* trata a elevação do hedonismo, sendo as finalidades eufóricas e prazenteiras um elemento base do comportamento. A *rave* é concebida como “uma cápsula securizadora”, onde se dá a informalização das relações sociais, com parcial libertação de formas de classificação social e em que as drogas servem estes propósitos (Chaves, 2003, p. 194). A ética *empática*, relacionada com a anterior, dá prevalência ao relacionamento estreito e emocional entre os indivíduos, do pequeno grupo ou de todo o colectivo. Há uma escolha preferencial do ecstasy, sendo o seu uso conciliado com o cannabis, tendendo a suprimir-se o consumo de álcool. A ética *militante*, ao contrário das anteriores, “assenta na ideia de que os *ravers* devem prosseguir o objectivo de, através do hedonismo e da empatia, se ressocializarem a si e a novos intervenientes, ou seja, transformação individual que passaria a ter implicações a nível social” (*id.*, p.198). Nestas três éticas a empatogénese do ecstasy, essencialmente o MDMA é o muito valorizado, já que coincide com as finalidades do evento. Assim, a disseminação do espírito da *rave* deveria manifestar-se em três dimensões da vida social: harmonização com os outros e com a natureza; numa enfraquecimento de modos padronizados de relacionamento; e na promoção de relações do tipo comunitário. A ética de *apresentação e sedução* não se diferencia daquelas que se encontram noutros espaços recreativos nocturnos, pelo que os seus sujeitos não distinguem significativamente as *raves* de qualquer outro tipo de festas. Distingue-se também das anteriores já que se valoriza a importância das performances dos indivíduos e por isso opõem-se essencialmente à ética *empática*, onde não se observam objectivos de aproximação sexual, sendo tal considerado incómodo e desajustado. O álcool é a substância central, apesar de também se caracterizarem policonsumos relativamente à cocaína, haxixe, *pastilhas* e ácidos. Por último a ética de *aprendizagem* com menor expressão refere-se àqueles frequentadores que vêm nestes eventos um modo de atingir conhecimento, “declarando atingir estádios de reflexão e de consciência antes inacessíveis, bem como modos judiciosos de ler a realidade” (*id.*, p. 200). Nestas situações, os alucinogéneos e substâncias menos comuns num consumo alargado adquirem maior centralidade por comparação com outras substâncias. Em suma, referiu-se um conjunto de configurações éticas que transbordam os momentos do consumo, já que se projectam nas outras dimensões da vida dos sujeitos.

O *trance* seria o movimento que mais se aproximaria, pelo menos nos seus inícios, à ética *militante*, uma vez que veicula, posturas existenciais ligadas aos traços do new age, ao naturalismo, ao espiritualismo e à crítica ao sistema através de posturas ideológicas anti-capitalistas e anarquias (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva; 2006; Viana, 2002). No entanto, estes traços podem não corresponder a uma dimensão activista, tal como seria o caso

da ética militante, mas apenas a uma dimensão estética e expressiva, pelo que “ao querer encontrar, todavia, enquadramentos e cruzamentos densos entre *trance* e ideologia ou religião, arriscamo-nos a incorrer numa visão algo romantizada sobre a forma como os actores experienciam e lêem a sua participação no movimento” (Carvalho, 2004, p. 117). Ainda assim é consensual, pelo menos a nível expressivo, a existência de alguns destes elementos que parecem ter sido repescados do movimento *hippie*¹⁹. Os próprios eventos tipo, aproximando-se da vivência dos contextos àquele movimento de contra-cultura na sua organização, ocorrem maioritariamente ao ar livre, em locais escondidos de difícil acesso, em espaços valorizados pela beleza natural e incorporam algumas características psicadélicas (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva; 2006 Viana, 2002).

Há, também ao nível do consumo, uma relação com a estética psicadélica que se materializa na opção por drogas alucinogéneas que são vistas de uma forma utilitária, como algo que permite a viagem e que favorece a amplificação da consciência e melhor auto-conhecimento (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva; 2006), onde se reconhece uma aproximação à ética de *aprendizagem*. O ecstasy mantém o seu espaço enquanto empatogéneo criando o clima de comunidade no colectivo, tão valorizado neste movimento, se bem que seja considerada secundária face às outras substâncias (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva; 2006). A cannabis aparece como uma substância valorizada positivamente e com presença marcada nestes eventos mas também fora destes, sendo de modo geral, vista como inofensiva e de consumo banalizado (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva; 2006). A cannabis parece-se distinguir das outras substâncias, nomeadamente na sua adaptabilidade aos diferentes contextos (Fernandes & Carvalho, 2003, Gamella & Jiménez, 2005).

A valorização da experimentação em si mesma revela-se na busca e referência ao policonsumo e a um leque alargado de substâncias psicoactivas (cogumelos mágicos, mescalina, peyote, *Salvia Divinorum*, *Morning Glory*²⁰, entre outras), as quais não são praticamente referidas noutros contextos (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva; 2006). As substâncias naturais são vistas como inofensivas ou menos prejudiciais e o seu consumo estimulado (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva; 2006). A maior relevância da experiência *psiconáutica* em relação á experiência e o consumo exploratório e experimental de uma grande variedade de substâncias associa-se, segundo o estudo publicado em 2003 sobre consumos problemáticos de drogas em populações ocultas (Fernandes & Carvalho), a populações da *zona up* e menos da *zona down*. Às populações da *zona down* estaria associado

¹⁹ Gamella e Róldan (1999) mencionam mesmo que estas festas procuravam nos seus inícios reviver a atmosfera dos míticos encontros dos anos 60.

²⁰ Por serem tão pouco mencionadas, é importante referir que a *salvia divinorum*, a mescalina e *Morning Glory* são alucinogéneos orgânicos, derivados de plantas. A salvia e a mescalina derivam, respectivamente de um género de plantas aromáticas e dos cactos, originários de alguns países da América do Sul. *Morning Glory* refere-se a sementes LSA que provêm de diferentes plantas trepadeiras, que podem ser encontradas em diversas partes do mundo como a Europa (Escohotado, 1992).

um consumo de drogas menos exploratório e mais confinado a um consumo prolongado de heroína (ibidem). Isto vai ao encontro do que Carvalho (2004) refere ser, no *trance*, um consumo recreativo de substâncias que “encerra grande diferença por comparação com o que foi o panorama psicotrópico dominante dos usos de drogas durante a década de 90 e que tinha a heroína e os actores de periferia urbana como elementos centrais.” (p. 80). Para além da valorização da experiência psiconáutica coexiste no *trance*, tal como noutros contextos de música de dança, um consumo cujos traços passam pelo hedonismo, a procura de libertação e evasão do quotidiano, e a informalização das interações que contribuem para a valorização de um contexto, no qual não se percebe censura ou controlo externo, mesmo relativamente ao consumo de drogas ilegais (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Viana, 2002).

Outras substâncias são ainda recusadas por estarem associadas a outros estilos de vida, como heroína, a cocaína e que, de uma forma geral, são mal vistas por esta população juvenil (Calado, 2006; Carvalho, 2004; Silva, 2006).

Os actores de *trance* são reconhecidos, maioritariamente, como jovens com um estilo de vida urbano, socialmente integrados, estudantes do ensino superior ou até técnicos superiores e para os quais a frequência dos eventos e o consumo está ligado a um estilo de vida e a posturas valorativas próprias – todo um modo de vida (Carvalho, 2004; Chaves, 1998; Silva, 2006). No seu discurso evidenciam uma preocupação sobre o conhecimento das substâncias, parecendo relativamente bem informados e desenvolvem mesmo as suas próprias estratégias de auto-protecção e redução de riscos: procura de substâncias pouco adulteradas; uma preferência de substâncias naturais, às quais os actores atribuem um menor perigo; troca de informações úteis sobre a experiência das substâncias, dosagens e misturas; fuga aos contextos tradicionais de aquisição de substâncias associados às drogas duras (utilização da rede social de amigos e Internet) e gestão de periodicidade das tomas em função do risco percebido em determinados usos (ibidem).

Começa-se também a verificar uma extensão do fenómeno do *trance* para fora do seu círculo inicial, enquanto movimento *underground*, pela sua crescente comercialização. Isto parece contribuir para uma mudança nos comportamentos de consumo e outros (Calado, 2006; Carvalho, 2004).

O *trance* apresenta-se como uma subcultura, cuja expressão surge como um corte “epistemológico” em relação ao tipo de dimensões juvenis de lazer anteriores (pop-rock) e cujos referentes se encontram associados cultural e simbolicamente a expressões culturais juvenis do passado (*hippie* e *new age*), passando pelo fascínio por um “mundo fantástico”, psicadélico, esotérico, onde a fuga ao quotidiano e alteração dos sentidos são tomadas como fins em si mesmos.

II – A voz dos trancers: uma abordagem empírica

1. Metodologia

As características do fenómeno *trance*, atravessado por outras subculturas e cruzado por diferentes subgrupos, tornam-no um objecto de fronteiras pouco definidas no tempo e no espaço. Aqui as redes pessoais são como “constelações dispersas a deslocalizarem-se no tempo e no espaço” (Molina, 2001, p. 46). Trata-se de um fenómeno assim entendido como disseminado num social mais alargado e com um tempo de vida relativamente curto, ao qual, segundo Carvalho (2004, p. 6), “acresce um polimorfismo” que não permite um desenho de investigação segundo um modelo de relações claras de causa-efeito, e que não pode ser explicado isoladamente do contexto onde se insere. Acresce ainda o facto da subcultura em questão ser relativamente jovem, pelo que implica a falta de “distância histórica sobre o fenómeno” (ibidem). Por isso pareceu pertinente a utilização de uma metodologia qualitativa; teve-se em conta a inclusão de diversos olhares, interpretações e justificações dos participantes, permitindo considerar a variedade de perspectivas sobre o objecto e os significados subjectivos e sociais relacionados com ele (Bryman, 1992; Flick, 2004). São os actores sociais que criam os símbolos, significados e definições pelo que faz sentido uma compreensão do fenómeno a partir da perspectiva deles (Minayo 1999; in MacRae, 2004). Privilegia-se uma postura compreensiva e não uma postura explicativa.

a) Amostra

A amostra foi constituída por um dos métodos em cadeia, a estratégia de *snowball* ou bola de neve. Molina (2001, p. 67) refere que “a metodologia da bola de neve pertence ao conjunto das estratégias existentes para a identificação de populações ocultas, mal conhecidas ou desconhecidas”, o que é o caso. A cultura juvenil em questão não possui “uma espacialidade bem demarcada, mas disseminada por variadíssimos núcleos e esferas, de carácter mais ou menos restrito, muitas vezes de carácter intermitente” (Carvalho, 2004, p. 12) o que dificulta a sua acessibilidade. Abordam-se também as problemáticas do consumo de drogas que são comportamentos tidos como desviantes e ilegais aos olhos da sociedade alargada e que, por isso, são ocultados pelos sujeitos. O método *snowball* permite conseguir acesso a contextos sociais muito sensíveis tendo em conta a protecção dos dados pessoais e sobretudo quando implica padrões de conduta ilegais, no qual este método resulta como o mais viável. (Kemmesies, 1999).

O *snowball* implica a existência de, pelo menos, um indivíduo previamente localizado em condições de indicar e facilitar o contacto com possíveis entrevistados. Este indivíduo é denominado “activador” e é designado a partir da rede social do investigador, devendo ter conhecimento alargado do objecto de estudo, podendo indicar e facilitar o contacto com futuros entrevistados. Foram utilizados dois “activadores”, que não foram integrados na

amostra, para dar resposta à possibilidade de interrupção das cadeias de amostragem e que não se conhecendo deram origem a duas cadeias independentes. A amostra resultou de duas cadeias elaboradas a partir dos sujeitos indicados pelos “activadores”. Aqueles, além de participaram na entrevista, forneceram também contactos para outros eventuais entrevistados.

Por último, no que diz respeito à amostra, saliente-se que esta não teve um critério prévio relativamente à dimensão, tendo aquele sido estabelecido no decorrer do estudo empírico. Na verdade, no método *snowball*, a dimensão da amostra depende apenas da “mão-de-obra, dos recursos disponíveis para prosseguir com a investigação” (Fernandes & Carvalho, 2003, p. 43) ou do atingimento de “uma saturação teórica” (Glaser & Strauss, 1967; *id.*). Neste caso a dimensão da amostra não decorre de se considerar que se atingiu a saturação dos dados, mas dos recursos disponíveis e natureza do trabalho que assim o condicionaram.

A amostra foi constituída por dez sujeitos, quatro do género feminino e seis do género masculino, com idades compreendidas entre os vinte e um e os vinte seis anos e a sua origem geográfica divide-se por dois distritos do norte de Portugal.

b) Instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados recorreu-se a entrevistas semi-directivas que permitem estudar os pontos subjectivos dos diferentes actores reconstruindo a “teoria subjectiva” daqueles, isto é, o seu “completo caudal de conhecimentos, implícitos e explícitos, sobre o assunto em estudo” (Scheele & Groeben, 1988; in Flick, 2004, p. 95). Nas entrevistas semi-directivas (ou semi-estruturadas) dá-se preferência á direcção temática, pelo que o investigador utiliza uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, as quais não têm de obedecer a uma sequência predeterminada. As perguntas destinam-se, essencialmente, a assegurar que todos os aspectos e temas relevantes para a investigação são mencionados ao longo da entrevista e não tanto para recolher informação factual (Flick, 2004). Assim, deve-se dar ao entrevistado a oportunidade de introduzir novos temas, bem como criar o espaço para que aquele possa explorar as suas vivências relativas ao objecto.

Elaborou-se um primeiro guião da entrevista, no qual se procurou incluir, de modo exhaustivo, todas as questões e temas pertinentes para a investigação. Este guião foi depois aplicado a um sujeito cujos critérios o incluíriam na amostra, mas a quem apenas se recorreu para o pré-teste. O pré-teste procurou determinar se o instrumento era capaz de produzir informação adequada, acautelando a inclusão de perguntas sobre cada um dos indicadores que pareciam pertinentes; procurou-se garantir espaço à emergência de outras questões que viessem posteriormente a mostrar-se significativas, acautelando-se a aplicabilidade do guião e avaliando se o mesmo estava de acordo com os objectivos inicialmente formulados. Este pré-teste permitiu aperfeiçoar o guião das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas numa interacção directa entre entrevistador e entrevistados, maioritariamente, em espaços públicos (cafés), tendo, para três dos entrevistados, ocorrido na sua casa. Foi pedido o consentimento para a gravação e posterior transcrição escrita das referidas entrevistas.

c) Instrumentos de análise de dados

A análise de conteúdo é um dos procedimentos clássicos para analisar material escrito, independentemente da sua procedência poder ser um livro, uma entrevista, etc., pelo que não se trata propriamente de um instrumento, mas de um conjunto de técnicas que variam de acordo com os documentos e os objectivos da investigação (Flick, 2004).

O estudo recorreu, dentro das técnicas de análise de conteúdo, à análise categorial. Esta é uma técnica de tratamento de informação que permite a “tradução” e interpretação do discurso dos actores. Foi necessária a delimitação das unidades de codificação ou de registo, “espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas da mensagem” (Bardin, 1977, p. 37). Às categorias correspondem as unidades de registo, “segmento determinado de conteúdo, que se caracteriza colocando-o numa dada categoria” e que pode ser distinguida em “dois tipos de unidade: formais e semânticas”; a mais comum é a semântica, segundo Vala (1986), tema ou a unidade de informação. Utilizou-se o conceito de tema tal como é abordado por Bardin (1977) que o considera como “a unidade de significação que se liberta naturalmente do texto (...) em que o texto pode ser recortado em ideias constituintes” (p. 58). As categorias permitiram, assim, a análise temática dos significados através das unidades de registo, isto é, “dos factores que determinaram as características” encontradas “à superfície dos textos” (Bardin, 1977, p. 40).

Segundo Vala (1986, p. 115) a definição das categorias para a análise de conteúdo pode ser feita à priori ou à posteriori. Considerando que, no estudo proposto não se pretende, nem a confirmação de uma hipótese já previamente definida, nem a medição de variáveis, utilizou-se a categorização à posteriori. A unidade utilizada foi a semântica, já que se pretendeu categorizar o discurso dos actores em unidades de informação que permitissem a inferência das lógicas e razoabilidades que suportam a adesão ao movimento *trance* e aos consumos de drogas.

A partir do trabalho exploratório do corpus de análise (registo escrito das entrevistas semi-directivas), as categorias foram construídas e progressivamente definidas e alteradas ao longo do trabalho de codificação, até ao último entrevistado a analisar. Desta codificação e categorização resultou uma grelha final (cf. anexo 1), a partir da qual se desenvolveu o estudo.

2. Retrato de uma subcultura: das festas ao consumo

Neste sub capítulo, a partir do discurso dos sujeitos, identificam-se algumas das dimensões que caracterizam o *trance* e os consumos de drogas. Foca-se o percurso dos sujeitos no *trance*, já que este organiza a representação que estes têm do movimento e das drogas. Considerando a importância dos eventos e até, tal como já foi referido, o seu papel central na constituição deste movimento juvenil, o retrato desta subcultura é realizado, por um lado, a partir dessa dimensão. Por outro, aborda-se também as representações de âmbito mais alargado acerca do *trance*. Salienta-se a importância da música, não só neste universo de referência, mas também enquanto identitário das sensibilidades dos sujeitos.

Abordam-se as substâncias referidas e a sua importância no *trance*, a qual é entendida a nível dum consumo generalizado, bem como a nível de preferência. Detecta-se a ligação de algumas substâncias, pela imagem atribuída e psicoactividade percebida ao universo de referência a que se reportam. Os padrões e modelos de consumo reconhecidos são, essencialmente homogêneos entre os sujeitos e relacionam-se com os próprios traços expressivos da subcultura. Traça-se também a percepção das consequências negativas e positivas do uso de drogas, servindo, estas últimas, a legitimação dos consumos.

a) Sujeitos

Os sujeitos têm todos entre vinte e um e os vinte e seis anos de idade. Apresentam diferentes trajectos biográficos que se podem organizar em dois grupos: seis têm já, ou encontram-se a tirar, uma habilitação literária de ensino superior e quatro têm entre o décimo ano e o décimo segundo, tendo a sua integração no mundo do trabalho ocorrido mais cedo. Isto coincide com Silva (2006) que referiu que na sua maioria, os actores do *trance* compreendiam jovens universitários com cursos em humanidades ou artes. Aqui observou-se também um segundo grupo com um percurso biográfico diferenciado. Constatou-se ainda que nove dos sujeitos se encontram ligados, no âmbito laboral ou estudantil, a áreas criativas.

Iniciaram-se no movimento *trance* em momentos diferenciados do seu percurso biográfico. Alguns iniciaram na adolescência (entre os 15 e 17 anos), enquanto outros já se encontravam fora desta fase do desenvolvimento (18 e 20 anos)²¹. Todos os sujeitos frequentam os eventos de *trance* há pelo menos quatro anos e a maioria já frequenta há seis e oito anos.

Todos os sujeitos inquiridos entraram em contacto com o *trance* através do grupo de pares. A motivação para se participar pela primeira vez nos eventos e apesar da centralidade que o

²¹ Apesar de todos os problemas inerentes ao conceito de adolescência e das variações individuais, optou-se por situar o fim desta etapa, na nossa cultura actual, a partir da legislação que prevê a maioridade aos 18 anos.

género musical tem neste movimento, não se efectua pelo gosto musical. De facto apenas três sujeitos referem já gostarem e ouvirem música de dança e apenas um destes revela a sua preferência específica por este subgénero.

O *trance* é por vezes equiparado a outras formas de lazer escolhidas pelos jovens, referindo-se o facto de “estar na moda” como um dos motivos para se aderir²².

Nos dois e três anos iniciais observa-se uma participação mais regular (maioria todos os fins de semana e minoria uma vez por mês) que está associada, por alguns sujeitos à idade “em que tudo é festa”, mas que para a maioria se relaciona com um certo deslumbramento das características deste tipo de eventos: novidade quando equiparadas aos outros contextos recreativos já frequentados pelos sujeitos. Torna-se curioso que na primeira experiência relatada tenham sido estas mesmas características (ao nível da organização: dimensão, decoração, animadores e duração; tipos de consumo; ambiente e actores presentes) a provocarem algumas sensações de apreensão. Refere-se uma sensação de inexperiência, o que sugere a noção de iniciados – os sujeitos vêm-se como aprendizes para quem a participação requer conhecimentos específicos, como se pode observar no seguinte segmento: “Oh pá éramos maçaricos. Maçaricos [...] E achei diferente. Acho que a minha, como hei-de dizer, era tudo novo, na altura era tudo novo e eu não conseguia, acho que não conseguia assimilar. Era tanta gente e tanta gente diferente.” (Henrique, 25 anos). O *trance* aparece aos frequentadores como algo que implica a diferença, seja ao nível da organização, do tipo de consumos ou de actores que inclui. Esta diferença, que nem sempre é representada positivamente na primeira experiência, foi, ainda assim, apelativa para a adesão.

A maioria dos sujeitos refere uma diminuição de regularidade, após os primeiros dois ou três anos de início da participação e, apesar dos motivos evocados se diferenciarem, em todos eles, é dominante a assumpção de responsabilidades do quotidiano (trabalho, exames na faculdade, dinheiro, iniciar vida independente dos pais).

Esta diminuição, contudo, não corresponde a um corte total com o *trance*, o que poderá indicar que este movimento se mantém atractivo para além da entrada inicial prolongando-se mesmo para a vida adulta. Efectivamente a inclusão no *trance* é prevista, por nove dos entrevistados, como algo que se irá prolongar ao longo da vida pois não identificam o movimento como algo específico do sector juvenil. Apenas um sujeito rejeita a sua participação futura, considerando que esta deriva da etapa desenvolvimental em que se encontra. Observa-se que, mesmo para os sujeitos que se projectam futuramente no

22 A referência à moda torna-se singular, de certo modo, pelo posicionamento dos adeptos para quem o *trance* é uma cultura *underground*. De facto o *trance* não é um fenómeno maioritário no sector juvenil em Portugal (Carvalho, 2004), o que pode sugerir que este se torna “moda” apenas para certos sectores da juventude com uma “tendência” para práticas culturais menos *mainstream*.

movimento, existem alterações no modo como se concebem nos eventos: seja na escolha de dos eventos (maior valorização dos DJ's), na frequência com que vão (perspectivam a diminuição da regularidade) ou nos comportamentos (nenhum ou menor consumo de drogas).

b) Trance

Forma de fazer a festa

No *trance*, tipo de evento e subcultura entrecruzam-se muitas vezes no discurso dos sujeitos e os aspectos valorizados e as características atribuídas são, muitas vezes, as mesmas. Não obstante, o discurso dos sujeitos mostra que a sua representação do *trance*, separa os eventos deste enquanto movimento mais alargado, o que é acentuado com alguma ênfase pela maioria dos sujeitos.

Os eventos de *trance* decorrem sobretudo em espaços ao ar livre fora de zonas urbanizadas, numa ligação muito próxima com a natureza, prolongando-se até ao dia seguinte²³.

O ar livre e o espaço natural são os dois elementos mais valorizados pela maioria dos sujeitos, tendo tanta preponderância que muitas vezes se sobrepõem a outros, como a música, o colectivo ou o preço na escolha e adesão aos eventos. O ar livre permite um tempo e ritmos diferentes de outro tipo de eventos, como a possibilidade de, sem se sair da festa, afastar-se da “confusão”, ir descansar e poder-se recomeçar a festa a qualquer hora da noite ou mesmo no dia seguinte. Além disso ao nível dos comportamentos assumidos nas festas, entre eles o consumo de drogas, o contexto das festas de *trance* é visto como um factor de protecção para experiências negativas. A possibilidade da experienciação de “paranóia” e “claustrofobia” decorrente do consumo de substâncias torna-se bem maior nos espaços fechados.

Todas estas características são valorizadas por oposição aos eventos que os sujeitos representam como mais *mainstream*, nos quais se reconhece uma tendência mais comercial com uma certa artificialidade, onde os actores eram menos autênticos. Veja-se a título de exemplo a caracterização, que assume um aspecto até caricatural, sobre os estabelecimentos nocturnos da zona industrial, de Matosinhos: “Por exemplo, para mim, a zona industrial são aviários, seguidos. Uma pessoa vai lá, eles entram, consomem, saem e pronto. É como os pintos nos aviários, têm a comida e consomem, claro, é natural...” (Henrique, 25 anos).

Verifica-se que para além de serem atractivos por si mesmos, os aspectos organizacionais também o são por representarem uma prática alternativa, fora do âmbito das massas. Neste

²³ As *raves* em geral e os eventos de *trance* em particular delimitadas num dia, normalmente ao fim-de-semana, tendem a durar mais de 12 horas, terminando ao meio-dia ou fim da tarde do dia seguinte (Saunders, 1996; Gamella e Róldan, 1999).

sentido, mesmo o papel das produtoras neste tipo de eventos é diferenciado de outro tipo de empresas, cujo objectivo primordial é o lucro. São atribuídas “responsabilidade” às produtoras em relação ao colectivo que se reúne e “ambiente” que se cria, que não deve ser sobreposto pelo lucro.

Para além dos aspectos físicos da festa, outros elementos relativos aos padrões e normas de socialização são também valorizados e constituem materializações do que os sujeitos descrevem ser os significados e posturas do *trance*.

Nas festas de *trance* os indivíduos podem ser mais autênticos e ter comportamentos que, noutras circunstâncias, seriam censurados. São referidos comportamentos que ignoram os constrangimentos sociais nomeadamente no que se refere à nudez, ao limite do espaço pessoal e à intimidade não comum nas relações iniciais. Há também relatos de episódios passados em festas que, apesar de extremados, nos mostram uma percepção do que é socialmente aceitável nestes eventos. Veja-se o seguinte exemplo: “já vi pessoal que pensava que era cão então andava, ele latia, pelo pessoal, de quatro patas e em tronco nu, mas mesmo.” (Joana, 25 anos). Os relatos de episódios deste tipo conduzem-nos para um mundo onde o bizarro e o extremo são aceites como situações banais.

Cria-se espaço para uma convivialidade diferenciada do quotidiano com possibilidades de interacção que não passam pelas consideradas normativas, num quadro relacional próprio: “Posso ficar duas horas a falar com uma pessoa e nem lhe perguntar o nome. Tipo é uma coisa perfeitamente fluida.” (Fábio, 24 anos).

Para muitos sujeitos nestes eventos não existe qualquer ou praticamente nenhum controlo social. Tudo isto contribui para aquilo que os sujeitos denominam de *a ideia de comunidade* que surge nestes eventos e que alguns associam à representação que têm do movimento de contracultura *hippie*.

Cada evento se torna num momento único, quase mágico e de tal maneira marcante a nível emocional que muitos sujeitos percebem uma transformação pessoal. Esta percepção revela-se quando os sujeitos se referem às festas ou mesmo aos consumos, pois na evocação dos eventos de *trance* um e outro elemento entrecruzam-se. Assim, a transformação pessoal surge, essencialmente, pela vivência de uma experiência diferenciada das comumente encontradas no quotidiano. Os eventos e a liberdade com que estes são caracterizados propiciam aos indivíduos a possibilidade de serem mais autênticos e naturais o que contribuirá para que estes se aproximem mais do seu “verdadeiro eu”. Além disso o contacto com uma beleza paisagística natural, sob o efeito de substâncias, permite o que os sujeitos referem ser uma nova visão do seu lugar perante o mundo, uma certa noção de inferioridade perante o cosmos que os rodeia, daí resultando um renovado respeito pelo mundo. Podem-se

identificar nestes elementos discursivos um certo misticismo associado, sobretudo, a conceitos espirituais hinduístas: noção de uma *energia positiva* que se recebe e se transmite, que apenas se reconhece após a frequência do *trance* e uma certa reverência pelo mundo natural. As drogas assumem também neste contexto um papel de catalisadoras dessa transformação, já que alguns sujeitos percebem-se como estando, após o seu percurso no consumo de drogas, mais abertos e tolerantes à diversidade, mais criativos e com mais imaginação. As festas e as drogas permitem, ainda, abrir uma “passagem para o subconsciente”, o que leva ao “extravasar” dos desejos e fantasias ocultas – factor essencial para um melhor auto-conhecimento.

Para todos os sujeitos a possibilidade, pelo menos em princípio, de cada evento poder proporcionar uma experiência de tal modo única que leve a uma transformação pessoal constitui um dos motivos de adesão – representando a possibilidade de evasão da realidade, numa vivência alternativa à diurna, livre de preconceitos e inserida num colectivo familiar: “Então quando se chegava a uma festa de *trance*, era mesmo como chegar em casa. Também é o ponto de encontro de muita gente que estava longe. Por isso gerava-se ali uma grande família.” (Teresa, 24 anos).

Em suma, apesar dos elementos organizacionais e do tipo de socialização presente, tão valorizados pelos sujeitos, não se deve ignorar o papel das drogas na adesão a estes eventos. De facto muitos sujeitos referem a possibilidade de se poder consumir substâncias psicoactivas sem censura social e a não antevisão de consequências legais decorrentes desse comportamento como sendo um factor decisivo na adesão às festas de *trance*.

Representações

O *trance*, enquanto forma de fazer a festa surge com características objectiváveis – como os aspectos organizacionais e os padrões de socialização – que configuram elementos que relevam das dimensões morais e ideológicas que os sujeitos atribuem ao *trance*. Apesar de todos os sujeitos reconhecerem ideias e posturas valorativas no *trance*, diferenciam-se duas representações acerca deste movimento: uma que se aproxima de uma micro sociedade alternativa, que não se confina à música, festas e drogas e outra que se associa a um tipo de diversão específico em tempos e contextos delimitados.

Há, assim, a representação de um mundo social onde se recria uma comunidade utópica de igualdade e harmonia entre os seus actores que se situa a um nível quase transcendente: “aquela coisa da criação de um ambiente, de um espaço, de uma unidade única, vinda das várias pessoas que a compõem, que estão presentes em festas.” (Ernesto, 22 anos).

Estes elementos são associados, por vezes, a reminiscências do movimento *hippie*, mas não de um modo absoluto. Os sujeitos que fazem esta associação percebem o *trance* apenas como uma tentativa de aproximação àquele movimento e não como uma reprodução do que ele foi.

Para alguns sujeitos os elementos atrás referenciados não são considerados os mais significativos, encontrando-se diluídos num objectivo mais alargado que é o tipo diversão; reconhecem, no entanto, que aquele tipo de diversão só é possível pela existência desses mesmos elementos.

Todos os entrevistados atribuem ao *trance* determinados posicionamentos e ideais. A aceitação da diferença e a liberdade são os dois factores mais salientados e os que parecem reunir mais consenso. Também aparece enunciada, como um elemento positivo, a atitude de respeito para com as pessoas, pelas culturas e pela natureza (mesmo numa perspectiva ecológica) e um aspecto mais activista ligado ao anti-capitalismo.

Na descrição do *trance* foram contemplados aspectos que o aproximam de uma subcultura que transpõe os próprios eventos, e que até representa, para alguns, um modo de estar na vida. No entanto esta perspectiva dilui-se, no discurso dos sujeitos, na valorização da diversão que é proporcionada pelos eventos.

O percurso dos sujeitos, com uma certa continuidade, permite-lhes identificar uma série de transformações, todas elas negativas, associadas à expansão do fenómeno e respectiva comercialização, como o aumento dos preços. Além disso observam a perda do espírito/ambiente inicial ligado aos elementos *hippies*, de liberdade e harmonia.

Um dos aspectos mais salientados é a participação de pessoas que vão à festa por motivos que se afastam do que, para os sujeitos, é a essência do *trance*: por ser moda, para roubar ou “arranjar confusão” e por oportunidades de negócio ligado ao tráfico de droga. As questões referidas parecem evocar uma certa perda de segurança e concorrem para a perda da perspectiva de colectividade.

Denota-se também um certo saudosismo, com excepção de um entrevistado²⁴, em relação aos eventos iniciais, mais escondidos, mais pequenos e apenas conhecidos de certos elementos²⁵, características do início deste movimento. Enquanto alguns sujeitos consideram que o aumento do número de participantes vai continuar a ser acompanhado pela

²⁴ Para um dos sujeitos a existência de “ocultismo” pode ser desvalorizadora das festas na medida em que impede o acesso a mais turistas: “Tanto ocultismo, às vezes. [...] Lá está, eu percebo porque é que as pessoas querem fazer isso. É uma maneira de tentar ter ali só quase os verdadeiros, ter ali o mínimo de turistas possíveis, não é. E eu acho que os turistas no fundo é quem dá vida a isto” (Fábio, 24 anos).

²⁵ As festas de *trance* no seu início, em Portugal e no estrangeiro, eram realizadas de modo relativamente escondido, cuja divulgação era restrita e os próprios locais das festas isolados acedendo-se por caminhos e indicações labirínticas (Silva, 2004; Carvalho, 2004).

comercialização que se irá intensificar o que fará com que este fenómeno seja apreendido pelo *mainstream*, outros perspectivam um renascimento do *trance*, tal como este era no início do movimento, ainda que com outro nome.

Para muitos sujeitos os eventos actuais apresentam a intrusão de elementos mais comuns noutros contextos do tipo *rave* como o *house* e o *techno*, que cuja representação se faz por oposição ao *trance*.

Os ambientes do *techno* e do *house* são descritos como sendo agressivos e hostis, o que se relaciona com o tipo de pessoas que os frequentam.

No *techno* as pessoas são conotadas como pertencendo a classes sócio-económicas mais baixas, nomeadamente “o pessoal dos bairros” e denominados na gíria como “gunas”, que são vistos como sendo agressivos, mais propícios à violência e mais ligados a comportamentos criminais como o tráfico e os roubos. O consumo de substâncias é descrito negativamente, associado “apenas” à energia, não exigindo “pensar”, legitimado em si mesmo, pelo que é percebido como mais propício a exageros.

Pelo contrário as pessoas que frequentam o *house* são descritas como pertencendo a uma classe sócio-económica mais alta em que há um maior cuidado com a aparência, pois é um tipo de ambiente que propicia objectivos de aproximação sexual. O consumo, tal como no *techno*, é diferenciado, salientando-se, neste caso, a cocaína como elemento central.

Ambos os géneros musicais são desvalorizados, tanto no que diz respeito à construção musical, como no que diz respeito à “mensagem”. O *techno* é considerado como tendo apenas “batida” e sem qualquer mensagem para lá da diversão. Já o *house* tem uma falsa mensagem, pois é um ambiente apenas preocupado com a moda e não apresentando qualquer criatividade musical.

Actores

De um modo geral pode dizer-se que os sujeitos reconhecem a abrangência do movimento, no que aos estilos juvenis diz respeito e que se caracteriza pela heterogeneidade dos actores, o que aliás, serve de exemplo para a aceitação incondicional do outro, muito valorizado no *trance*. A heterogeneidade dos actores è percepcionada no reconhecimento de actores, por um lado, de diferentes nacionalidades e culturas de origem e de diferentes orientações religiosas²⁶. Encontram-se também, dentro da mesma nacionalidade aspectos que sustentam

²⁶ “ [...] vi um gajo vestido de monge budista a dançar com um gajo vestido de muçulmano eu disse, pronto, está aqui. Isto é a união pela música.” (Fábio, 24 anos)

esta heterogeneidade como o grupo etário²⁷ e ainda, pela existência de diferentes sensibilidades juvenis, como são os *betinhos* e os *punks*. No discurso é também possível observar a percepção de que o *trance* abrange qualquer estrato social, no entanto, noutros segmentos discursivos esta noção é contrariada, já que todos os indivíduos referem a entrada dos *gunas* como um factor negativo e consequência da comercialização. Em suma, verifica-se que para os sujeitos o *trance* é um movimento (senão o mais) abrangente e compatível com qualquer pessoa.

Ainda assim, os sujeitos reconhecem um certo “estereótipo” ligado ao actor do *trance*, o qual é essencialmente recusado por estar associado à existência de uma “moda”, a qual, para estes actores contraria a heterogeneidade dos actores e aquilo que o *trance* representa.

Os sujeitos identificam os elementos mais associados a esse rótulo, seja as indumentárias, os signos ou outras apresentações visuais. A nível da indumentária revelam a existência de cores garridas e cores que se vejam melhor com a luz negra; a roupa leve, com várias camadas e com estilo indiano. Além dos “penduricalhos” o acessório referido explicitamente foi a bolsa à cinta. Predominam os signos ligados ao hinduísmo (“OM”, “deuses indianos” e coisas “místicas”) e um aspecto visual que passa pelas “rastas”, piercings e tatuagens.

Música

O gosto musical dos sujeitos, para além do universo da música electrónica, revela-se em estilos bastante distintos e variados. Passam por estilos diversos que, para a maioria dos actores, se caracterizam por serem, tal como o *trance*, alternativos. Esta representação de gostos musicais alternativos prende-se com a ideia de que mesmo sendo géneros musicais reconhecidos comercialmente, dentro destes os consumos prendem-se com as bandas e artistas menos conhecidos das massas – menos comerciais. Neste âmbito foram mencionados os seguintes estilos musicais: *drum and base*; *músicas do mundo*; *folk*; *metal*; *heavy metal* e *rock hard core*. Deste modo, são recusados consumos musicais entendidos como estilo *pop* ou *pimba*, exemplificados em nomes como *Madonna*, *Morangos com açúcar* e *Britney Spears*.

Observa-se ainda uma transformação do gosto que acompanha a evolução dos vários subgéneros do *trance* ao longo da progressiva extensão do fenómeno. No entanto, para a maioria dos sujeitos, são preferidos os subgéneros ligados ao início do movimento como o *Goa trance* e o *trance psicadélico*²⁸. Estes dois subgéneros são considerados menos aptos à

²⁷ Os sujeitos descrevem alguns actores com idades entre os quarenta e os sessenta anos. No entanto, ainda que este aspecto surja como sustentação para o argumento da heterogeneidade, estes são reconhecidos como sendo uma minoria, dentro de uma maioria de actores juvenis.

²⁸ O subgénero do *trance Goa* teve a sua origem nessa cidade indiana, que obteve grande popularidade enquanto “meca” *hippie* na década de 60 e inícios de 70, onde permaneceram um grande número de turistas que formaram uma comunidade. Estes elementos e outras pessoas que frequentavam Goa como destino turístico começaram então, no final da década de 1980 e inícios de 90, a incorporar à tradicional música electrónica elementos da sonoridade oriental, bem como ritmos menos industriais do que aqueles tão comuns ao *techno*, o estilo vigente da época (Saunders, 1996; Silva, 2006). No caso de

comercialização, resistindo às transformações que os sujeitos identificam com a expansão do movimento. São, assim, mais ligados aos ideais do *trance* como a ligação à natureza, o ambiente de paz e a harmonia no colectivo e com um consumo de substâncias de âmbito alucinogénico e não tanto de estimulantes, como os derivados anfetamínicos.

Pelo contrário, os outros subgéneros mais recentes, são considerados mais comerciais e como propiciando um colectivo de actores mais individualistas e afastados da essência do *trance*.

Relativamente aos DJ's podem ser observadas duas tendências. Há sujeitos que apesar de valorizarem determinados DJ's enquanto artistas, não os consideram como elementos centrais na experienciação dos eventos. Noutra representação os DJ's aproximam-se do fenómeno mais comum na música não electrónica, como é o caso dos fãs, com uma forte componente emocional: “veio ao Boom o SBK, que foi sempre aquele artista de progressivo que eu adorei, sempre foi... [...] e foi um daqueles *lives* que chegou ao fim e tive vontade de chorar.”²⁹, (António, 25 anos).

c) Consumos

Substâncias

Os **canabinoides** são a substância predominante não só nos eventos, mas mesmo fora destes. O haxixe e a erva, sobretudo, estão presentes nos diferentes momentos dos eventos e no quotidiano dos sujeitos, seja em casa num consumo não grupal, seja com o grupo de amigos nas saídas à noite, nas férias ou em festivais. Esta substância é consumida mais regularmente sendo que, para cinco dos sujeitos, o seu consumo é diário ou quase. Não parece, então, *ser uma droga do trance* (nem de outro contexto específico), mas do estilo de vida adoptado pelos sujeitos.

Esta substância é vista como normalizada entre a população juvenil e entre diferentes espaços e tempos, percepcionando-se como inofensiva, cuja ênfase é dada ao ser equiparada ao tabaco: “Mas, pronto, a ganza eu acho que já ninguém considera como droga, considera quase como o tabaco. [...] Porque a ganza, quer dizer, já não escandaliza ninguém.” (Beatriz,

Portugal, o Goa *trance* surge quando as elites, responsáveis pelo aparecimento do movimento raving em Portugal, desiludidas com o facto deste ter deixado de ser *underground* e ao viajarem até ao território trouxeram para o país “o gosto por uma nova expressão musical, variante de contornos psicadélicos do *Techno* original” (Carvalho, 2004, p. 116). Será a partir do Goa *trance* que se forma o *trance* psicadélico, sendo estes dois subgéneros tidos como não-comerciais e mais *underground*, quando comparados com outros sub-géneros do *trance*.

²⁹ O Boom é um festival de *trance* que ocorre em Portugal de dois em dois anos, que pela sua dimensão (local de reunião de adeptos de inúmeras nacionalidades) e duração (entre cinco a oito dias) assume considerável importância para os actores do *trance*. Carvalho (2004) denomina este festival e outros como “eventos-meca”, pela importância que lhe são atribuídas. SBK é um DJ de renome, sobretudo no sub-género *trance* progressivo, que se situa entre o *trance* e o *techno*, pelas melodias menos elaboradas.

22 anos). Não são percebidos quaisquer problemas associados a este consumo, tendo apenas um sujeito mencionado a perda de memória como uma consequência a longo prazo.

O consumo de cannabis aproxima-se, assim, da legalidade de facto, ainda que não de direito, apesar de manter ainda uma imagem de substância rebelde que faz com que muitos jovens se identifiquem com ela (Gamella & Jiménez, 2005). Há uma valorização dos seus efeitos anestésiantes ou de alteração da percepção sensorial em relação ao consumo fora dos eventos e enquanto catalisador da experiência de outras substâncias dentro dos eventos. Mesmo quando não acompanhada de outras substâncias, nos eventos de *trance*, o cannabis está sempre presente.

O **ecstasy** é uma substância que funciona como estimulante prolongado que proporciona energia, reduz a fadiga e permite distorções perceptivas e cognitivas propícias à camaradagem, sensualidade e erotismo, que têm sido descritos como efeitos empatogénicos.

Esta substância é descrita pelos sujeitos de acordo com as suas diferentes apresentações, as quais são referidas como se de diferentes substâncias se tratasse: em comprimidos, na gíria *rodas* ou *pastilhas* e num pó constituído por pequenos cristais, MDMA. Um factor que pode estar na origem desta separação de acordo com os modos de apresentação tem a ver com o facto das diferentes apresentações serem mais ou menos passíveis de adulteração.

As *pastilhas* são descritas como sendo a modalidade mais comum nos eventos, mas, de modo geral, não são uma primeira escolha dos sujeitos. Esta apresentação do ecstasy é considerada mais perigosa por ser mais passível de adulteração, podendo conter diversas substâncias. Além disso também parecem estar menos associadas aos efeitos empatogénicos reconhecidos no ecstasy.

Relativamente à sua psicoactividade as *pastilhas* são percepcionadas como substâncias que funcionam sobretudo a nível estimulante, sendo desvalorizadas por nove dos dez sujeitos por apenas servirem para dançar e não permitirem “alcançar nada”. Um sujeito refere mesmo que as *pastilhas* tornam as pessoas mais agressivas e violentas. As características atribuídas fazem com que os sujeitos as percepcionem como estando mais associadas a contextos mais comerciais e do género musical *techno*.

O MDMA é o modo de apresentação do ecstasy mais referido pelos sujeitos, tanto no que se refere ao consumo do próprio, como o que decorre nas festas, parecendo terem uma preponderância face às outras substâncias. Isto pode estar relacionado com a percepção dos sujeitos de que: são de fácil acesso, quando comparadas com outras menos secundárias (LSD, cogumelos, mescalina, quetamina); têm uma aproximação mais fiel à substância do que aquela que se encontra na pastilha; e pela sua psicoactividade. O MDMA é valorizado e o seu

uso justificado por permitir prolongar o tempo de festas, mas sobretudo pelos efeitos empatogénicos e distorções cognitivas e perceptivas que concordam com o que é proporcionado pelos eventos de *trance*. Ao contrário das referências às *pastilhas*, o MDMA é percebido como permitindo uma certa aprendizagem, para lá da recreação que promove. Esta aprendizagem relaciona-se sobretudo com os efeitos empatogénicos que permitem, segundo os sujeitos, uma aproximação aos outros num modo mais genuíno, levando as pessoas a despirem-se das barreiras sociais.

Quanto aos problemas associados os sujeitos acentuam consequências a curto e a longo prazo. Todos os sujeitos referem alterações de humor depressivo nos dias seguintes à toma e a ocorrência de *lucid dreams*³⁰. A longo prazo e relacionado com um consumo mais frequente e regular as alterações de humor parecem-se agravar, tendo, no caso de dois sujeitos, sido apontada como razão para uma pausa no consumo. Apesar de ser das mais consumidas nos eventos e mais regularmente pelos sujeitos é atribuído ao MDMA um certo perigo, por ser “pesada” (psicoactividade abrangente, intervindo em várias dimensões: comportamento, cognição e emoção), bem como pelo prazer que provoca que “pode ser viciante” sendo os seus consumos mais restritos aos eventos de *trance* ou a ocasiões especiais, como as férias.

As referências ao **speed** e **cocaína** são muitas vezes agrupadas pelos sujeitos, o que parece ocorrer por uma percepção da sua similaridade no modo de ingestão (ambas são, na maioria das vezes, inaladas pelo septo nasal) e nos efeitos percebidos (essencialmente como estimulantes do Sistema Nervoso Central). Estas duas substâncias são vistas como sendo cada vez mais consumidas nas festas, mas nem sempre consumidas pelos sujeitos inquiridos. Para nove dos dez sujeitos estas substâncias são percebidas de modo negativo, pela finalidade atribuída à sua psicoactividade, pelos problemas associados e pelo grau de perigosidade. No entanto, verificamos que nove sujeitos já consumiram, pelo menos uma vez, speed e seis cocaína. Para a maioria destes sujeitos a curiosidade terá sido a principal motivação, pois tinham em interesse em experienciar os seus efeitos, pelo que há apenas a referência a uma toma após a qual não se consome mais (alguns sujeitos consumiram há anos e não voltaram até hoje a consumir). Para outros sujeitos o facto de não terem podido encontrar outras substâncias quando desejavam consumir também se revelou uma motivação para experimentarem speed e cocaína. Pelo que, se por um lado parece haver uma valorização da experimentação em si mesma, por outro, esta valorização não é assim tão significativa e tem maior relevância a expectativa de consumo, pelo tipo de recreação proporcionado pelas substâncias.

³⁰ Os *lucid dreams* são descritos pelos sujeitos pela sua tradução literal “sonhar acordado”, em que por momentos de duração muito curta (segundos) se experimenta uma distorção na percepção sensorial e/ou cognitiva, a um nível menor mas semelhante ao da toma.

O speed é associado, tal como as *pastilhas*, a contextos mais comerciais, do género musical *techno* em que o consumo é visto como potenciando energia para o “corpo”, desvalorizado assim, pela grande maioria dos sujeitos, por proporcionar mais o individualismo e menos a ideia de comunidade, tal como é entendida nos eventos de *trance*.

Quanto à cocaína esta é associada aos frequentadores do *house* com os quais os sujeitos, na sua maioria não se identificam, e que promove um tipo de interacção mais individualista e mais dirigida ao contacto com objectivo sexual. É mesmo denominada por um sujeito como uma droga arrogante, típica das elites e de contextos que envolvem dinheiro.

Ambas as substâncias são percebidas como tendo consequências a longo prazo mais elevadas que o MDMA, sobretudo por “queimarem neurónios” e pelo mal-estar que provocam nos dias seguintes. A cocaína é também considerada perigosa, por ter maior poder aditivo e por ser “gulosa”, quando comparada com as substâncias preferidas. Um sujeito observa mesmo que os efeitos proporcionados por MDMA e cocaína propiciam tomas diferentes em termos de quantidade: “A questão da cocaína é que é demasiado gulosa e uma pessoa quer estar sempre, porque aquilo não mantém, não é. Com o MD, para mim já é um bocadinho diferente.” (Dalila, 21 anos).

A cocaína implica maior dificuldade de auto-controlo não só num consumo num mesmo evento, mas mesmo ao longo do tempo e é vista por nove dos dez sujeitos como uma substância, tal como o speed, que não se enquadra no *trance*.

Acompanhando o MDMA, o **LSD** é outra das substâncias com reconhecido predomínio nos eventos de *trance*, bem como no consumo dos próprios sujeitos – todos consumiram mais do que uma vez. O LSD toma diferentes aspectos e modos de ingestão que são referidos pelos sujeitos diferenciadamente podendo apresentar-se: em líquido, fazendo-se a ingestão com gotas colocadas na boca; em papeis ou selos que foram embebidos no produto e são depois colocados na boca onde lentamente se desfazem e que todos os sujeitos denominam de ácidos; e micro pontos, comprimidos muito pequenos que se trincam e se deixam dissolver na boca.

Os sujeitos percebem a perda do predomínio desta substância nos eventos de *trance* associada a um aumento de outras substâncias, como o speed e a cocaína. Isto é entendido, essencialmente, como um efeito da comercialização do fenómeno *trance* que leva a que substâncias menos evidentes, ligadas a eventos mais *mainstream*, se tornem mais comuns.

Observa-se que os efeitos atribuídos ao LSD estão associadas aos aspectos esotéricos e místicos atribuídos ao *trance* e aos seus eventos, sobretudo pelas dimensões mais associadas à esfera mental ou mais próximas dos sentidos. A alteração da percepção sensorial e cognitiva é muito valorizada já que, para além da intensidade experiencial, permite uma “aprendizagem”

que os sujeitos reconhecem numa transformação de si próprios após o consumo, experiência que é vista como “única” e apenas possível por tais meios. Esta transformação relaciona-se com um melhor conhecimento do próprio, que os sujeitos entendem decorrer desta substância permitir aceder a aspectos mais inconscientes da mente – amplificação da consciência.

É esta percepção dos efeitos do LSD que, por outro lado, torna esta substância reconhecidamente perigosa, pela possibilidade de causar problemas psiquiátricos e mesmo pela experiência vivida. Os sujeitos comparam as consequências do uso desta substância com aquelas da família das anfetaminas, considerando-a menos controlável durante a experienciação dos efeitos, tornando-se, mais facilmente, uma má experiência. Deste modo, esta substância é percebida como exigindo mais ponderação e mesmo preparação para o seu uso, o que pode explicar o facto de os sujeitos não referirem a mesma desregulação na frequência de consumo, como o fazem para o MDMA³¹. Não obstante isto poder-se-á relacionar com uma maior dificuldade na obtenção deste tipo de substâncias, comparativamente ao MDMA.

No consumo percebido nos eventos enunciam-se, também, substâncias consideradas mais “secundárias”, como os cogumelos e a quetamina. Apesar de observarem o uso de quetamina nas festas, esta substância não foi consumida por nenhum dos entrevistados, sendo associada por um deles ao tipo de experiência proporcionada pela heroína.

Verifica-se também a valorização da experimentação para além dos contextos das festas, já que alguns indivíduos reconhecem a sua curiosidade em procurar substâncias que não se encontram, nem foram consumidas nos eventos: *salvia Divinorium*, LSA, mescalina ópio e poppers. A *salvia divinorium* é a mais referida no consumo dos sujeitos, enquanto que as sementes de LSA, a mescalina e poppers³² apenas foram referidas por um sujeito.

Os alucinogéneos, concretamente os cogumelos e a *salvia divinorium*, são de facto aquelas substâncias mais procuradas e mais valorizadas por estarem ligadas à introspecção, à amplificação da consciência e à ligação com a natureza. Ao contrário do que foi observado por Calado (2006) não se verificou uma diferenciação da perigosidade entre as substâncias sintéticas e as substâncias naturais, vistas como mais inofensivas.

Por último refiram-se os **opiáceos**, apenas mencionados por dois sujeitos, representados como tendo um poder aditivo superior, sem permitir qualquer controlo por parte dos consumidores e não limitado à “dependência do prazer”, tal como é atribuído às substâncias

³¹ Praticamente todos os sujeitos percebem momentos de “exagero” na frequência e quantidade de utilização do MDMA, mas não o fazem em relação aos alucinogéneos.

³² Pela sua pouca alusão, refira-se que poppers designa um gás liquefeito, contido em determinados atomizadores utilizados em material informático ou fotográfico e induz uma euforia comparada à produzida pelo hélio (Lallemand & Schepens, 2005).

supra referidas. Para os entrevistados esta é uma substância que acarreta demasiados riscos a curto e a longo prazo, obrigando a uma total mudança do estilo de vida, pelo que deve ser evitada.

Todas as substâncias referidas, com excepção do cannabis, são associadas a contextos de diversão específicos, a partir dos efeitos percebidos e imagem associada.

As substâncias que promovem a interacção valorizada nos eventos ou a sintonia entre indivíduo e contexto, como o MDMA e os alucinogéneos, são as consideradas particulares do *trance* e preferidas para utilização deste contexto. Observa-se que respectivamente o MDMA e o LSD são as mais consumidas nos eventos, evidenciando-se até uma associação linear, para a maioria dos sujeitos, entre os seus consumos e a sua participação nos eventos.

Há uma diferenciação no intuito com que as substâncias são utilizadas. Enquanto que a experiência procurada no MDMA e alucinogéneos é legitimada, a que resulta da cocaína e speed é desvalorizada pelos efeitos predominantemente estimulantes. Isto não significa, para a maioria dos sujeitos, a recusa absoluta destas substâncias que, na sua maioria, foram consumidas pelo menos uma vez. Para apenas um dos entrevistados todas as substâncias possuem o mesmo interesse pelo prazer que concedem e apesar dos seus efeitos diferenciados.

De modo geral há uma associação da cocaína, do speed e das *pastilhas* a uma maior perigosidade, pelo seu poder aditivo, consequências futuras e possíveis adulterações (quando comparadas com o MDMA e o LSD) e são associadas também a contextos mais comerciais e mais individualistas.

“As drogas do *trance* são as drogas para a cabeça, drogas para viajar, para tu veres coisas, para tu fazeres filmes, enquanto que as drogas do *techno* e do *house* são drogas do corpo. Drogas para te puxar para dançar e fazer outros tipos de filmes. Não usas muito a tua cabeça, é mesmo só para te mexeres.” (Teresa, 24 anos).

Observou-se ainda uma referência a um conjunto alargado de substâncias psicoactivas menos comuns³³, sobretudo alucinogéneas, que parecem materializar a ligação à estética psicadélica característica do *trance*. Esta diversidade psicotrópica sugere também a procura activa dos sujeitos pela experimentação de diferentes substâncias, que não se restringem a estes eventos. São vários os relatos de primeiras tomas de algumas substâncias em contextos fora dos eventos, como a casa de um amigo (cujos pais estão fora nesse fim-de-semana) ou períodos de férias passados com amigos. Tanto no que diz respeito à primeira experiência com uma substância como à experiência com outras já conhecidas, as tomas associam-se, sobretudo, a espaços e tempos especialmente pensados para isso, requerendo alguma

programação – combina-se com os amigos e adquire-se a substância uma semana, ou mais, antes de se consumir. Normalmente são em espaços que permitem o contacto com a natureza (acampamentos, praias, etc.) e temporalmente tendem a coincidir com períodos de férias ou com festividades usualmente associadas a ocasiões para festejos juvenis, como a passagem de ano e o Carnaval. Normalmente coincidem com o fim de períodos intensos a nível laboral e estudantil, após os quais os sujeitos procuram e preparam o consumo de alguma substância, considerando um contexto que propicie uma boa experiência e um tempo que permita, após a experiência, o descanso necessário antes da *reinserção* no quotidiano normativo.

A procura activa de experimentação reflecte-se também no uso de substâncias que têm uma imagem negativa e que os sujeitos consomem para “experimentar”, ficando depois confinadas a essa utilização.

Padrões e gestão do uso de drogas

Em termos gerais os padrões de uso de drogas correspondem a um modelo de policonsumo, em que diferentes substâncias têm o mesmo papel recreativo. Este policonsumo remete para a utilização de uma diversidade de substâncias ao longo do tempo e à mistura de várias substâncias num mesmo consumo. O cannabis está sempre presente isoladamente no quotidiano, de modo diário ou quase para a maioria dos sujeitos ou ainda acompanhando o consumo de outras substâncias nos eventos. Existem também substâncias consumidas fora dos eventos, mas que parecem estar relacionadas com o significado atribuído aos consumos após a integração na subcultura. Ou seja, inicialmente a procura activa pela experimentação dá-se após algum tempo de participação no *trance*, o que parece sugerir uma aprendizagem deste comportamento. É só depois que este comportamento se transpõe, passando os sujeitos a procurar e a organizar momentos espaciais e temporais com vista ao consumo de substâncias.

A maior parte dos sujeitos refere consumir com mais regularidade – sem considerar o cannabis – o MDMA, seguido de ácidos e cogumelos, sendo que a frequência de consumo se assemelha, de modo geral, ao número de vezes que se vai aos eventos. Esta frequência é nos dois/três primeiros anos quase semanal ou mensal para todos os sujeitos reduzindo com o passar do tempo. Actualmente este consumo é mais esporádico e não mensal, apesar de aumentar na época de verão, coincidindo também com um aumento do número de eventos.

É também durante os primeiros anos que os sujeitos referem períodos de maior desregulação e experiências negativas com os seus consumos. Estas experiências são associadas essencialmente a “exagero” nos policonsumos e nas quantidades, o que parece sugerir uma certa compulsividade no início de utilização das substâncias. A gestão da

³³ Não se possuem dados estatísticos sobre a prevalência destes consumos, apenas referidas no relatório anual do Instituto da Droga e Toxicodpendência de 2007 no âmbito do estudo qualitativo de Calado (2006).

periodicidade e quantidade dos consumos liga-se à necessidade de auto-controlo, que os sujeitos identificam como essencial para uma boa utilização das drogas.

Os consumos mais desregulados são identificados de modo negativo e com consequências individuais, sobretudo a nível da saúde, e sociais, a nível laboral, escolar e financeiro; o que leva, geralmente, a uma diminuição ou interrupção dos consumos durante períodos de tempo mais ou menos longos (desde 3, 4 meses a um ano). Estes consumos são depois retomados, verificando-se que os sujeitos continuam a validar a sua opção de consumir drogas encarando os riscos como parte integrada e aceite do comportamento, mas mostrando, sobretudo, após estes períodos de maior desregulação, uma preocupação na diminuição das consequências negativas.

São referidos vários comportamentos que têm em vista a redução de consequências negativas no consumo e que surgem, essencialmente, após o início dos consumos e à medida que estes prosseguem, ocorrendo, num dos casos, após uma má experiência.

Um dos comportamentos, ainda que minoritário entre os entrevistados, é o acompanhamento por sujeitos que não consomem mas que sabem que os amigos vão consumir e que podem providenciar ajuda em caso de necessidade, espécie de *babysitters*. Mesmo quando os *babysitters* consomem, tal não é feito de modo simultâneo, de modo a controlar os efeitos, sobretudo quando utilizando pela primeira vez uma substância.

Outros comportamentos praticados pela maioria dos sujeitos são: a procura de substâncias menos adulteradas; a recolha de informação e a recusa de determinadas substâncias.

A preocupação sobre a adulteração das substâncias evidencia-se pela preferência dos sujeitos em transportarem consigo para o evento os produtos que pensam ingerir, ou no caso de não o fazerem, adquirirem os produtos junto de pessoas conhecidas. Há também um caso de análise privada dos produtos conseguidos. Observa-se também a recusa das *pastilhas* pela dificuldade de se saber o que contêm na realidade.

Os sujeitos revelam também preocupação na escolha das substâncias de acordo com a representação que têm do seu potencial aditivo e consequências para a saúde, normalmente após pesquisarem sobre estas, fazendo o que parece ser um balanço, entre o prazer e o risco.

Por último, parece existir uma preocupação com o contexto e o momento temporal em que o consumo ocorre. Há uma preferência pelos eventos festivos e períodos de férias, o que pode estar associado também à redução de consequências para os estudos ou trabalho dos sujeitos. De facto estes consumos parecem ser planeados e afastam-se dos contextos do quotidiano, o que parece indicar algum controle na gestão dos sujeitos.

Legitimação do uso de drogas

Todos os entrevistados consideram legítimos os seus consumos e a continuidade deste comportamento enquanto opção assente na liberdade e responsabilização individual. É singular que esta opção não se traduza, para maioria dos sujeitos, na eleição da legalização ou a descriminalização do consumo de substâncias, enquanto políticas. Pelo contrário, estas políticas são percebidas como podendo trazer consequências negativas como o abuso e a dependência (vista ao nível do prazer). Para três sujeitos a legalização permitiria mais informação e assim mais esclarecimento por parte dos utilizadores, melhor controlo das substâncias, criação de serviços de assistência para os utilizadores nos locais de consumo e, sobretudo, iria permitir diminuir a discriminação e marginalização dos consumidores.

O uso de drogas é valorizado enquanto tal, porque se considera psicologicamente compensador, configurando, para praticamente todos os sujeitos, um instrumento para a obtenção de experiências positivas e únicas. A experiência em si, sobretudo aquela proporcionada pelos alucinógenos, é validada e representada como uma espécie de evasão e libertação da realidade do quotidiano.

O uso de drogas é também associado à influência de pares e à moda, considerando que determinados consumos se efectuam pelo facto de outras pessoas o fazerem.

Os sujeitos reconhecem o contexto como propiciador da utilização de drogas. Por um lado porque do ponto de vista do significado atribuído ao consumo de drogas, este se afasta claramente dos padrões e normas presentes no quotidiano, sobretudo no que diz respeito à censura social e consequências legais. Por outro, porque as substâncias são potenciadas pela música e decoração que por sua vez são melhor assimiladas sob o efeito das diferentes substâncias.

Conclusão

O conceito de subcultura tal como foi sendo definido pelo CCCS de Birmingham foi, a partir dos anos 80, questionado pela sua visão unidimensional da noção de resistência circunscrita ao fenómeno de luta de classes. No entanto, em relação ao *trance* alguns autores (Carvalho, 2004; Silva, 2006) consideram que esta subcultura apresenta modos de resistência, não confinados ao problema da luta de classes, mas que afirmam uma oposição activa e consciente à sociedade dominante. Encontram, neste movimento, dinâmicas de resistências associadas a aproximações de certas esferas valorativas (transcendência, abertura, etc.) (Carvalho, 2004) ou um “corpus” ideológico mesmo informal e em que mesmo o estilo se apresenta como uma forma de resistência aos valores dominantes (Carvalho, 2004; Silva 2006).

Neste trabalho, apesar de se reconhecer no discurso de alguns sujeitos alguns daqueles elementos (anti-capitalismo, ecologismo, tolerância à diferença, etc.) quando estes são salientados surgem para sustentar o *trance* como um movimento alternativo. Quando se observa estes elementos no discurso alargado dos sujeitos verifica-se que não se agrupam num “corpus” ideológico, mesmo informal, mostrando-se dispersos, aparecendo intermitentemente e de modo pouco estruturado. Mesmo no discurso dos sujeitos que os acentuam, estas posturas valorativas e ideológicas perdem protagonismo e diluem-se face aos outros traços expressivos mais valorizados. Isto não significa que os sujeitos não se identifiquem e situem as suas práticas como opondo-se às da sociedade dominante e à das massas. No entanto, ao longo deste estudo estes traços expressivos de oposição, visíveis nesta subcultura, parecem estar mais associados à necessidade dos actores legitimarem as suas práticas, conferindo-lhes autenticidade, do que propriamente a um modo simbólico e estilizado de resistência à sociedade dominante. Isto enquadra-se na compreensão das subculturas enquanto espaços para o processo de construção da identidade, já que o *trance* permite aos jovens exprimir a sua singularidade – oposta à cultura parental e delimitada perante outros grupos de iguais.

A análise dos elementos de resistência é complexa, pois implica tomar em linha de conta as transformações que o movimento *trance* tem vindo a apresentar, que foi também já reconhecido pelos autores referidos e que é uma característica inerente às subculturas pelo aspecto geracional que contempla. Deu-se conta da percepção de uma comercialização do fenómeno, resultante da absorção desta subcultura pela sociedade alargada.

Neste estudo denotou-se que o *trance* assume uma visibilidade significativa nos eventos irregulares, diluindo-se e quase desaparecendo quando transposta para os quotidianos atravessados por outros traços de identificação. No entanto, materializa-se como subcultura na

medida em que: expressa colectivamente a experiência individual dos jovens; atribui a essas experiências colectivas um sentido e significado próprios suportando estilos de vida distintos; localiza-se fundamentalmente no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida institucional.

Os traços e manifestações expressivas da subcultura *trance* permitem compreender e enquadrar o consumo de drogas enquanto prática subcultural, com um significado e uma valorização diferente da transmitida pela cultura dominante.

O consumo de drogas, enquanto prática subcultural, afirma-se também como um comportamento com um significado e uma valorização diferentes das transmitidas pela cultura dominante. Por um lado, as drogas representam um modo de estar e um tipo de recreação alternativa, coincidindo com posturas de afirmação da diferença e afastamento dos valores dominantes, através da valorização da liberdade e do hedonismo. Já a um outro nível de análise, pode-se observar diferenças sobre a funcionalidade das drogas, os sentidos e significados atribuídos, ainda que todos eles emergentes de dimensões presentes nesta subcultura. Reconhece-se, assim, a assimilação transversal de argumentações (legitimação e aspectos valorizados do uso de drogas) atitudes (modelos do consumo) e concepções (imagem das substâncias) aí formadas.

Os eventos de *trance* procuram reproduzir um espaço social de liberdade e harmonia perante a diferença e entre os seus actores, valorizando-se a dimensão mais esotérica da ligação entre indivíduo e o mundo natural. Estes elementos permitem falar de uma estética psicadélica reutilizada a partir da representação do movimento *hippie*. Estes traços enquadram a instrumentalização do consumo de drogas que, nos seus moldes, finalidades e propósitos estrutura aquilo que é protagonizado pela subcultura e que se pode observar na escolha de certas substâncias e recusa de outras. Existem substâncias *do trance* cuja psicoactividade se adequa aos intuitos dos eventos, ajustando-se ao estilo de vida aí adoptado. É o caso do ecstasy sob a forma de apresentação do MDMA. Esta é a substância mais referida neste contexto, valorizando-se a sociabilidade e a criação de um clima de empatia e abertura aos outros potenciados por ela, bem como a diminuição do cansaço e prolongamento do tempo da festa. Já os alucinogéneos são muito valorizados, mas não parecem ser tão frequentemente consumidos como o MDMA, o que parece decorrer de, por um lado, serem mais difíceis de obter e, por outro, serem consideradas mais perigosas, pelos sujeitos. De qualquer modo, também os alucinogéneos se enquadram na exaltação do hedonismo, ainda que muitas vezes sejam percebidos como substâncias que libertam dos constrangimentos inerentes à sociabilidade normativa, permitindo um “eu” mais autêntico e natural que se prolonga para o quotidiano, pelo aumento do auto-conhecimento, da abertura e da tolerância. Estas drogas são percebidas como instrumentos para a tal transformação do eu, enquanto que a maior parte

das anfetaminas e derivados são vistos como drogas “inúteis” já que não permitem obter mais nada a não ser energia.

A valorização da experiência com as drogas e a legitimação desta prática, assente na noção de liberdade individual, relacionam-se com a diversidade psicotrópica e modelo de policonsumo tão presentes nesta subcultura. De facto, para estes sujeitos o consumo de substâncias parece ser uma prática, como outras, adoptada dentro do estilo de vida escolhido, não se reconhecendo e recusando o rótulo de toxicodependentes.

O consumo de drogas no *trance*, não é uma prática que possa ser entendida como um fenómeno de toxicodependência. Os consumos ocorrem normalmente em contexto grupal e concentram-se em tempos e espaços opostos àqueles do quotidiano, ficando aí circunscritos, para a maioria dos sujeitos. Mesmo observando períodos e percursos mais desregulados que podem ser conotados com alguma compulsão, a verdade é que são os próprios sujeitos a perceberem-nos e a agir sobre eles, através da diminuição ou interrupção dos consumos. De notar que a maioria dos sujeitos revela interrupções nos consumos em determinados momentos mais importantes da vida laboral e estudantil, o que indica a percepção de consequências do uso destas substâncias a nível social.

Os sujeitos apesar de reconhecerem possíveis consequências negativas a longo e a curto prazo, atribuem um certo carácter normativo à assumpção dos riscos, que não é já uma expressão de uma rebeldia, mas uma estratégia para assumir os objectivos e finalidades dos eventos de *trance*. Ainda assim, demonstram alguma preocupação no conhecimento das substâncias e exibem comportamentos que têm por objectivo reduzir riscos relativos aos consumos. No entanto, à medida que se dá conta de transformações do movimento, quer ao nível da organização, da música, dos actores, observa-se a perda de prevalência de determinadas substâncias como o MDMA e o LSD e dos comportamentos de auto-protecção no uso das substâncias. Os sujeitos identificam, com a comercialização dos eventos, a introdução de substâncias que são não próprias do *trance*, como a cocaína e outras que estão, segundo eles, a transformar os modelos de consumo na subcultura.

Em jeito de conclusão, pode-se reafirmar a preponderância das subculturas enquanto instrumentos úteis na análise dos fenómenos juvenis. Especificamente no que diz respeito ao consumo de drogas, pôde-se observar como no *trance* esta prática se suporta em características e dinâmicas subculturais. Através do *trance* foi possível observar o consumo de drogas afastado do fenómeno da toxicodependência, encarando-o como um comportamento de carácter social e colectivo que toma uma forma particular, já que surge como uma das suas manifestações, entre outras.

Referências bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Beck, J. (1993). Ecstasy and the rave scene: historical and cross-cultural perspectives. *Proceedings 2*, 424-431.
- Becker, H. (1997). The culture of a deviant group. The jazz musician. In K. Gelder e S. Thornton (Eds.), *The subcultures reader* (pp. 55-65). London: Routledge. (Obra original publicada em 1963)
- Blackman, S. (2005). Youth Subcultural Theory: A critical engagement with the concept, its origins and politics, from the chicao school to postmodernism. *Journal of Youth Studies* 8(1), 1-20.
- Bryman, A. (1992). *Quantity and quality in social research*. Londres: Routledge.
- Calado, V. (2006). *Drogas Sintéticas: Mundos Culturais, Música trance e Ciberespaço*. (Coleção Estudos, 1). Lisboa: Instituto da Droga e Toxicoddependência.
- Calafat, A., Bohrn, K., Juan M, Kokkevi A, Maalsté, N. e *et al.* (1999). Night life in Europe and recreative drug use. *SONAR 98*. Acedido em Agosto, 2008, de www.irefrea.org/archivos/sonar98.pdf.
- Calafat, A., Juan, M., Becoña, E., Fernández, C., Gil, E. e Llopis, J. (2001). Vida social de la cocaína. *Irefrea 13*(2), 261 -103.
- Calafat, A. e Juan, M. (2003). De la etiología a la prevención del uso y abuso de drogas recreativas. *Adicciones 15*(2), 261-287.
- Carvalho, M. (2003). Expressões psicadélicas juvenis. In Í. Cordeiro, V. Baptista e A. Costa (Orgs.), *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta editora.
- Carvalho, M. (2004). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meios festivos: trance psicadélico como analisador*. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Chaves, M. (1998). Consumos de “Novas Drogas”: pontos de partida para a investigação sociológica. *Toxicoddependências 4*(2), 15-23.
- Chaves, M. (2003). Rave: Imagens e éticas de uma festa contemporânea. In Í. Cordeiro, V. Baptista e A. Costa (Orgs.), *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta editora.

Clarke, J., Hall, S., Jefferson, T. e Roberts, B. (1976). Subcultures, cultures and class: a theoretical overview. In S. Hall e T. Jefferson (Eds.), *Resistance through rituals - youth subcultures in post-war Britain* (pp. 5 - 79). London: Routledge.

Cohen, S. (1997). Symbols of trouble. In K. Gelder e S. Thornton (Eds), *The subcultures reader* (pp. 149-162). London: Routledge. (Obra original publicada em 1980)

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (Setembro, 2002). *Recreational drug use - a key EU challenge*. (Publicação nº 1681-5157). Acedido em Outubro, 2008, de <http://www.emcdda.europ.eu/attachements.cfn/alt-33701-PT-Dif06.pt.pdf>

Escohotado, A. (1992). *Para uma fenomenologia de las drogas*. Madrid: Mondadori S.A.,.

Fernandes, L. (1990). *Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas*. Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Fernandes, L. (1993). Existe uma cultura juvenil? Ou de como uma dona de casa nunca ouvirá os B52's. In *Actas das Jornadas "Encontro sobre a adolescência"* (pp. 18-22). Porto: Edinter.

Fernandes, L. e Carvalho, M. (2003). *Consumos Problemáticos de Drogas em Populações Ocultas*. (Colecção Estudos - Universidades, 1). Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.

Fernández, J. (2003). Música y drogodependencias: análisis de algunos tópicos sobre drogas encontrados en la música. *Adicciones*, 15(3), 229-242.

Flick, U. (2004). *Introducción a la investigación cualitativa*. (Amo, T., Trad.) Madrid: Ediciones Morata, S. L. (Obra original publicada em 2002)

Forsyth, A., Barnard, M. e McKeganey, N. (1997). Musical preference as an indicator of adolescent drug use. *Addiction* 92(10), 1317-1325.

Frith, S. (1997). Formalism, realism and leisure. In K. Gelder e S. Thornton (Eds), *The subcultures reader* (pp. 163-175). London: Routledge. (Obra original publicada em 1980)

Gamella, J. e Jiménez, M. (2005). La cultura cannabica en España: la construcción de una tradición ultramoderna. In Romaní, O. (Dir.), *Uso de drogas y drogodependencias*. Monografías Humanitas de la Fundación Medicina y Humanidades Médicas 5, 23-54. Barcelona.

- Gamella, J. e Róldan, A. (1999). *Las rutas del éxtasis*. Barcelona: Editorial Ariel, SA,.
- Gefaell, C., González, J. e Ferran, J. (2003). Programas de reducción de daños en uso/abuso de drogas recreativas. *Adicciones* 15(2), 353-359.
- Gelder, K. e Thornton, S. (Eds) (1997). *The subcultures reader* (2a ed.). London: Routledge.
- González, E. e Bueno, S. (2003). Programas de prevención de ocio alternativo. *Adicciones* 15(2), 327-346.
- Hebdige, D. (2002). *Subculture - the meaning of style*. London: Routledge. (Obra original publicada em 1979)
- Henriques, S. (2003). Novos consumos em ambientes de lazer: “Risco cultivado”? In Í. Cordeiro, L. Baptista, e A. Costa, (Orgs.), *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta editora.
- Jiménez, M.. e Bernal, A. (2005). Análisis Diferencial por Niveles de Edad de las Actitudes hacia el Consumo de Sustancias Psicoactivas en Adolescentes Españoles. *Interamerican Journal of Psychology* 39(3), 325-338.
- Kemmesies, U.E. (1999). Snowball Sampling. In G. Greenwood e K. Robertson (eds), *Understanding and Responding to Drug Use: The Role of Qualitative Research* (pp. 265-271), EMCDDA Monograph Séries of EMCDDA. Lisboa: EMCDDA. Acedido em Agosto, 2008, de <http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/alt-34018-EU-Monograph4.pdf>
- Kemmesies, U. (2001). Consumo de drogas dentro del entorno “burgués”. Influencia del control social formal e informal. *Adicciones* 13(1), 101-110.
- Lallemant, A. E Schepens, P. (2005). *As novas drogas da geração rave*. (Rabaça, A., Trad.) Lisboa: Instituto Piaget. (Obra original publicada em 2002)
- MacRae, E. (2004). Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. In L. Tavares, A. Almeida, E. MacRAe, e O. Ferreira (Eds.), *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Matínez, P., González, P., Ojanguren, B. e García, J. (2003). Evolución histórica del uso y abuso de MDMA. *Adicciones* 15(2), 35-29.
- Megías, E., Comas, D., Elzo, J., Navarro, J., e Romaní, O. (2000). *La percepción social de los problemas de drogas en España*. Madrid: Fundación de Ayuda contra Drogadicción.
- Mendes, F. e Lomba, L. (2008). Representaciones “positivas” y “negativas” sobre el éxtasis en un grupo de consumidores en Coimbra (Portugal). *Adicciones* 20(1), 81-88.

Molina, J. (2001). *El análisis de redes sociales. Una introducción*. Barcelona: Edicions Bellaterra, S.L..

Ribeiro, P. (2004). Do junkie da “castanha” ao junkie “pastilhado” - para uma caracterização. *Toxicodependências* 10(1), 43-50.

Romaní, O. (1999). *Las drogas, sueños y razones*. Barcelona: Ariel.

Saunders, N. (1996). *Ecstasy: dance, trance and transformation* (2a ed.). Oakland: Quick American Archives.

Silva, V. (2006). Trance, house e techno – espiritualidade, sensualidade e energia. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Stratton, J. (1997). Surfers and bikers. In K. Gelder e S. Thornton (Eds.), *The subcultures reader* (pp. 183-188). London: Routledge. (Obra original publicada em 1985)

Suárez, J., Tomás, E. e Tomás, M. (2003). Jóvenes, fin de semana y uso recreativo de drogas: evolución y tendencias del ocio juvenil. *Adicciones* 15(2), 7-32.

Thornton, S. (1997). The social logic of subcultural capital. In K. Gelder e S. Thornton (Eds.), *The subcultures reader* (pp 201-212). London: Routledge. (Obra original publicada em 1995)

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Santos, e J. Pinto, *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.

Viana, L. (2002). Ecstasy: História, Mitos & Factos. *Toxicodependências* 8(1), 65-78.

Young, J. (1997). The subterranean world of play. In K. Gelder e S. Thornton (Eds.), *The subcultures reader* (pp 71-80). London: Routledge. (Obra original publicada em 1971)

Anexos

Anexo 1

Grelha de análise de conteúdo e indicadores

Grelha de análise de conteúdo

Percurso	Acesso		
	Frequência		
	Projecções no futuro		
A festa	Primeira experiência		
	Episódios		
	Aspectos valorizados		
	Aspectos negativos		
	Justificações para a adesão		
	Organização		
Trance	Descrição		
	Presença no quotidiano		
	Transformações no tempo		
	Actores		
	Música		
	Outros contextos, <i>house</i> e <i>techno</i>		
Drogas	Consumo	Nas festas	
		Próprio	
		Experiência	
		Gestão	Frequência
			Redução de riscos – comportamentos e preocupações
		Problemas associados	
		Aspectos valorizados	
		Legitimações e justificações	
	Substâncias recusadas		
	Imagem		
	Política e drogas		
	Olhar dos outros	Família	
		Sociedade	

Indicadores

Percurso

Acesso – momento no percurso biográfico em que os sujeitos começaram a frequentar o movimento e através de quem e como o ficaram a conhecer.

Frequência – regularidade com que os indivíduos frequentaram os eventos de *trance*, as oscilações nessa regularidade e respectivas justificações.

Projeções no futuro – projecções dos sujeitos quanto à sua futura participação no *trance*.

A festa

Primeira experiência – evocação da primeira experiência numa festa do tipo *rave*.

Episódios – incidentes passados nas festas referentes ao próprio e a outros, os quais embora não tivessem uma relação directa com as outras categorias tratadas, são significativos, mesmo com o seu estatuto de *fait-divers*, para ajudar a interpretar e compreender o *trance*.

Aspectos valorizados – elementos entendidos como positivos e até essenciais, traduzidos em vertentes físicas (decoração, música, local, espaço, pessoas) e experienciais.

Aspectos negativos – o que é percebido como sendo negativo nos eventos.

Justificações para a adesão – razões para aderirem às festas de *trance*. Apesar de se poderem cruzar com os aspectos valorizados, optou-se por esta divisão porque o discurso dos sujeitos explicita uma relação causal.

Organização – aspectos organizacionais das festas e das empresas produtoras dos eventos.

Trance

Descrição – representações dos sujeitos acerca do *trance* que permitem a sua caracterização, enquanto movimento juvenil.

Presença no quotidiano – modo como o *trance* está presente na vida das pessoas, mas fora dos eventos.

Transformações no tempo – alterações percebidas no movimento *trance*.

Actores – referência às pessoas e grupos que frequentam o *trance*.

Música – todas as referências à música: gosto musical em geral e a sua transformação no tempo; relações entre determinados subgéneros de *trance* e características destes e referência a DJ's.

Outros contextos, house e tecnho – referências a outros contextos de música de dança, cuja caracterização é efectuada por oposição ao contexto do *trance*.

Drogas

Consumo

Nas festas – percepção dos padrões de uso de substâncias nos eventos de *trance*.

Próprio – consumos realizados pelos sujeitos.

Experiência – relatos e evocações dos sujeitos de vivências sob o efeito de substâncias.

Gestão – integra-se o modo como se faz a auto-regulação dos consumos, quer no que diz respeito à frequência, quer no que se refere aos comportamentos e preocupações inerentes com a redução de riscos no uso das substâncias. Afastamo-nos do conceito enquanto “política social que visa diminuir, atenuar ou controlar os efeitos negativos do consumo de drogas, que se traduzem em problemas na esfera social ou na perspectiva individual do consumidor” (Newcombe & O’Hare, 1995, cit. por Fernandes e Ribeiro, 2002, p. 58).

Problemas associados – aspectos negativos percebidos como consequência do uso de drogas (em relação a tipos de substâncias e a padrões de consumo)

Aspectos valorizados – aspectos positivos da experiência que decorre do uso de drogas.

Legitimações e justificações – validações e razões para o uso de drogas. Explicita o porquê e reflecte uma maior reflexividade que a subcategoria aspectos valorizados, a qual se liga mais à dimensão emocional.

Substâncias recusadas – substâncias que os sujeitos recusam experimentar.

Imagem – representações dos sujeitos em relação às diferentes substâncias: psicoactividade; poder aditivo; grau de perigosidade e contextos a que estão associadas.

Política e drogas – referências e valorizações sobre algumas políticas nacionais das drogas

Olhar dos outros – o que as pessoas e instituições pensam sobre o consumo de drogas e seus actores.

Anexo 2

Exemplos de unidades de registo

Exemplos de unidades de registo

Percurso

Acesso

“Eu fui pela primeira vez a uma festa quando tinha vinte anos e fui porque conheci grupos de amigos que estavam ligados a isso e eles convenceram-me, porque aquilo tinha um ambiente e tal.” (Fábio, 24 anos)

“É assim, a primeira vez que eu fui tinha para aí... dezassete, dezoito anos” (Beatriz, 22 anos)

Frequência

“ [Há quanto tempo vais a festas de *trance*?] Desde 2000 e desde 2001... No princípio ia muito. No princípio fui a uma e fui logo depois a outra, depois houve uma fase que íamos quase todos os fins-de-semana. Depois, oh pá, uma pessoa começa a namorar e pára um bocado. Depois, acabar o curso, arranja emprego e... agora já não vou a uma festa há muito tempo” (Henrique, 25 anos)

Projecções no futuro

“Eu consigo-me imaginar com cinquenta anos ainda a ir a uma festa. Nem que seja com uma cadeirinha atrás.” (Joana, 25 anos)

A festa

Primeira experiência

“Por acaso lembro-me da primeira. Foi num espaço especial que era Afife. Eu já conhecia Afife porque eu ia lá passar férias com os meus tios, que tinham uma casa, já antes de conhecer as festas e por acaso a primeira festa foi lá. Acho que foi quando, antes da QUEST comemorar um ano... (...) No que toca aos meus amigos directos, que foram comigo não me... pronto foi um bocado diferente, porque... Acho que senti que muitos deles estavam logo noutro patamar de pastilhas e ... Eu nessa festa nem consumi nada, fui, estava naquela, mesmo verdinho a ver o que é que se passava” (António, 25 anos)

Episódios

J “O ultimo BOOM que fui, portanto dois mil e seis. Estava um luar lindo e aquilo tem uns escoamentos de uma água um bocado manhosa, meia verde, que vira cores e tal. E estava um senhor nos seus quarenta anos, início de cinquenta, sentado num desses riachos a esfregar-se todo. Eu disse-lhe o que é que tu estás a fazer e ele “isto faz bem à pele” e eu “olha eu vi isso de dia e essa água não é a de que tu achas que estás a sentir” e ele naquele momento simplesmente não conseguiu sair da dele e continuou naquilo...” (Joana, 25 anos)

Aspectos valorizados

“Acho que o espaço ao ar livre, num espaço ao ar livre uma pessoa refresca um bocadinho mais e não se sente fechada. Por isso acho que ao ar livre é muito melhor. Primeiro a coisa de um espaço fechado tem sempre a coisa da respiração e quando se está ali a dançar muito, a gastar aquelas energias todas, é fundamental ter um ar fresco para respirar. Além disso, nos espaços fechados sentes-te sempre mais preso.” (Dalila, 21 anos)

“Claro que o ambiente vale sempre a pena, não é. Para mim o que sempre me confortou nas festas de *trance* era a paisagem em si. São lugares lindos, quanto a isso eles têm muito bom gosto.” (Teresa, 24 anos)

Aspectos negativos

“Dispensava pessoal, porque não são só os produtores e os DJ’s que fazem a festa. Quando há pessoas a mais porque estão ali.... Claro que tem de haver sempre pessoas novas, mas acaba por haver muita gente que está porque... é filmes, é drogas, ou é *fashion*...” (António, 25 anos)

Justificações para a adesão

“E fui e realmente fiquei totalmente fã mesmo por causa disso. O ambiente, realmente é outra coisa.” (Fábio, 24 anos)

“Também comecei a conhecer algumas produtoras e festas que eram ao ar livre e achei mais engraçadas, as festas e mesmo a música, que era muito diferente do *techno* e do *house* que havia na altura.” (Paulo, 26 anos)

Organização

“Eu dou bastante valor a isso. À decoração, à própria roupa das pessoas, a forma como vão e aos vídeos. Se houver um DJ a pôr vídeos eu gosto que seja algo cujo conteúdo e o ritmo esteja a condizer e ... para proporcionar um bom ambiente.” (Ernesto, 22 anos)

“Mas sei lá acho que era importante motivar as organizações a direccionar um bocadinho melhor as publicidades. É claro que precisam de pessoas, mas deviam ter mais cuidado no sítio onde divulgam as festas para não ir qualquer pessoa. Para ver se melhora o ambiente das festas. Até os próprios consumos. Não sei, ir buscar pessoas um bocadinho mais maduras nesse aspecto até mesmo ao nível de espírito, acho que é só isso.” (António, 25 anos)

Trance

Descrição

“Ora bem, o *trance* para mim é uma cultura que emergiu dum determinado estilo de som, que foi alheado a contextos espirituais e cresceu bastante nesse aspecto. Eu não quero dizer que os

conceitos espirituais só cresceram porque houve a música. Não, simplesmente há ali uma simbiose bastante boa. Para mim o que define mais é a música e esses conceitos espirituais. As festas não são aquilo que define o *trance*.” (Ernesto, 22 anos)

“Em termos de atitudes e ir atrás de sonhos, aí sim, o *trance* vai mais alto do que aquilo que tu pensas que consegues ir. A nível da minha casa, de materiais, também diria o *trance*, porque é muito minimalista, pouco materialista, tem tendência para usar só aquilo que é necessário e se puder não ter que comprar alguma coisa e substituir por uma coisa achada ou que já há, então faz.” (Joana, 25 anos)

Presença no quotidiano

“Ouço [em casa], mas também não ouço muito. Para mim o *trance* é mais para dançar.” (Dalila, 21 anos)

“Quase todos os dias sempre que ia à *net* era para ver os *blog's*, os sites das festas, os calendários das festas.” (Beatriz, 22 anos)

Transformações no tempo

“Para mim, claro, que venho de outro tipo de festas, que gosto de outro tipo de coisa é mesmo isso que estava a dizer, o ambiente. Tipo, é assim, as festas antes davam para tares mesmo, mesmo na boa, sem problemas, sem *stresses* e ... agora já não dá. Já não dá para você estar mesmo á vontade, tem que controlar sempre as suas coisas e, tipo, não dá para ir para a pista e deixar as cenas pousadas.” (Teresa, 24 anos)

“Vai crescer. Há sempre miúdos a entrarem no ambiente das festas, e sempre haverá.” (Paulo, 26 anos)

Actores

“Acho que as pessoas estereotipam muito. Oh pá já vi *betinhos* nas festas de *trance* e no entanto estavam lá a curtir como os outros. Mas claro que há, há sempre, pronto, há os estereótipos. E o *traçalhoco*, o típico *traçalhoco*, é gajo de rastas com *peircings* assim todo *ió*. Com camisolas com cores psicadélicas. Mas não tem obrigatoriamente que ser assim.” (Henrique, 25 anos)

“Eu associo o *trance* a um nicho de pessoas [...] E na ideia que eu tenho, no *trance* não vê tanto pessoas de bairro ... aquilo a que chamamos de gunas, de boné, brinquinho.” (Paulo, 26 anos)

Música

“e veio ao BOOM o SBK, que foi sempre aquele artista de *progressivo* que eu adorei [...] e foi um daqueles *lives* que chegou ao fim e tive vontade de chorar.” (António, 25 anos)

“A nível de música, assim mais alternativo, porque não colo só ao trance, procuro um bocado de tudo, mas também não colo só ao alternativo. Gosto de coisas tradicionais, gosto de *Folk*, gosto de musicas do mundo, gosto de tudo. Não me identifico de todo é com morangos com açúcar ou esses movimentos mais comerciais.” (Joana, 25 anos)

“ [...] mas mais, se calhar as vertentes de raiz, o Goa ou o Psicadélico, acho que têm uma mensagem mais ligada a isso, à ligação à natureza. O chill out também...” (Henrique, 25 anos)

Outros contextos, house e techno

“ No *techno* acho que é mais, acho que tem uma mensagem... Nem sei se aquilo tem uma mensagem. Tem é uma batida. É bom para libertar energia. Unicamente. Para mim é unicamente isso. Agora mensagem implícita, não tem nada. Porque o *techno*, lá está, o próprio nome diz *techno*. Pronto e acho que não tem nada que, pronto, me entusiasme a ir a uma festa de *techno*.” (Henrique, 25 anos)

“Agora essa malta dos bairros, os denominados *gunas*, o pessoal que vai ao *techno* que é malta dos bairros que vão em grupos e arranjam confusão. Eles não se davam bem com o *trance*. Todos, todos os que eu perguntava, eles não se davam bem. Porquê? Tinha muitos sons e não... e pronto, baralhava-os, baralhava-os e eles não se divertiam.” (Ricardo, 25 anos)

Drogas

Consumo

Nas festas

“Depois há outras, como a ketamina, mas que se calhar são um bocado secundárias. O cerne é mesmo LSD, as *rolhas*... as *rolhas* também estão sempre presentes. Ah... e cogumelos também. Mas também é secundário, não é das principais.” (Ernesto, 22 anos)

“Na altura em que ia mais regularmente havia uma grande quantidade de MDMA, de LSD, seja em cartão ou em gotas, havia mais em gotas. Cocaína não se via muita e infelizmente agora vê-se muito.” (António, 25 anos)

“mas assim a nível de uma ordem preferencial de drogas, acho que teremos o ácido, primeiro, seguido de MD.” (Fábio, 24 anos)

Próprio

“Eu já experimentei Haxixe, erva, ah... ópio, ácido em cartão, LSD liquido, ecstasy, speed, coca, acho que ... tenho de puxar pela cabeça.... cogumelos, MD, salvia, que “*puta de exagero*” ...” (Joana, 25 anos)

“ [E dessas substâncias quais as que já consumiste?] Uhm... vai ser um bocado extenso [riso]. Acho que ácidos, speed, cogumelos, microponto, MDMA e ... e rolhas, claro. ah! óleo de cannabis” (Ricardo, 25 anos)

Experiência

“A festa, também era muito dark e estávamos lá no meio, não foi bem uma bad trip, mas durante 5 minutos senti aquela coisa, que muita gente já me tinha falado, que é a perda de identidade.” (Dalila, 21 anos)

Gestão

“Quotidianamente é o haxixe, que normalmente tenho sempre e consumo quase diariamente. Em férias ah... prefiro consumir, mas tenho dificuldade para arranjar, sempre, é o LSD em liquido e por isso tenho uma tendência a ir ao MD cristal que é um bocadinho mais parecido” (Joana, 25 anos)

“É assim, sou capaz de todos os meses consumir ou MD ou ácidos, mas digo uma vez por mês, porque é quando vou a festas, pronto é uma média, mais ou menos. O resto, como te estava a dizer já nem mando, ah... a não ser cogumelos.” (Beatriz, 22 anos)

“isto foi a primeira vez que mandei ácido, íamos dois que tínhamos mandado um ácido e havia um terceiro elemento só para nos animar e entre aspas só para tomar conta de nós. Por isso, estava tipo num ambiente de pura felicidade onde se alguma coisa corresse mal tinha uma rede a amparar-me a queda, quer dizer, não havia nada a temer.” (Ernesto, 22 anos)

“Nós, nós tínhamos o hábito de nos informar de o que é que cada droga fazia e um experimentava.” (Henrique, 25 anos)

“Tive foi simplesmente mais cuidado [na escolha das substâncias], porque nas festas aparece de tudo e de mais alguma coisa e nós não sabemos aquilo que nos vem parar às mãos, não é.” (Dalila, 21 anos)

Problemas associados

“os ácidos deixavam-me três dias com o cérebro a escorrer pelos ouvidos [riso]” (Dalila, 21 anos)

“A mim influenciou negativamente a nível de escola, mais a nível de escola, porque... Pronto, fiz o 12º e quis logo ir trabalhar um bocado derivado a isso. Às tantas se não consumisse era menino para ir logo para a universidade. Às tantas” (Ricardo, 25 anos)

“Vê-se muito pessoal por aí que ficou no filme e não consegue encontrar a porta de saída.” (Henrique, 25 anos)

“Até porque a ressaca que aquilo te dá no dia seguinte é horrível meu, é horrível, você quer morrer. Pelo menos eu. Depois que consumi cocaína a minha moca no dia seguinte era surreal

meu, aquilo era horrível. Eu queria... eu queria outro corpo, eu queria outra Teresa.” (Teresa, 24 anos)

Aspectos valorizados

“Com drogas se calhar houveram alguns momentos especiais de sintonia, desde pessoas, amigos, artista, música, envolvimento, todo o momento que estava a acontecer, mas tudo mais sensível porque havia drogas a influenciar.” (António, 25 anos)

“Os ácidos pela parte psicadélica de te mexer nos sentidos, o que leva a teres experiências únicas. Experiências únicas que te mudam um bocado, do género, sentires e pensares coisas que nunca te tinham passado pela cabeça. Vai te fazer ver o mundo de maneira diferente, se calhar mais... mais, sei lá... Além disso, dependendo do tipo, muitos ácidos também te fazem rir.” (Paulo, 26 anos)

Legitimações e justificações

“Ao veres que consegues ter outro ponto de vista completamente distinto, com o equipamento que usas para teres o ponto de vista que tens agora, derruba-te muitas barreiras e, lá está, força-te um bocado a entender que nós somos todos diferentes mas iguais ao mesmo tempo.” (Fábio, 24 anos)

“e as pessoas parece que hoje em dia, hoje em dia ou desde sempre, sentem que precisam de consumir para atingir esse à vontade, essa liberdade. Não pensar... esse estado. Então penso que há uma tendência para consumir para atingir esse estado e estar em sintonia com o todo.” (Joana, 25 anos)

“A única coisa positiva é que se hás tantas não tivéssemos começado a fumar drogas [...] às tantas não tinha a imaginação que tenho” (Ricardo, 25 anos)

Substâncias recusadas

“Nunca consumi speed nem cocaína” (António, 25 anos)

“Acho que a única coisa que eu não consumi foi o ópio, nunca consumi ópio.” (Teresa, 24 anos)

“e houve coisas que eu simplesmente descartei, prefiro não consumir. Tipo o ecstasy e a coca...” (Joana, 25 anos)

Imagem

“Havia pessoal com drogas tipo speed e *rolhas* que ficavam 10 horas no mesmo sitio a fazer buracos. Tipo, sempre a dançar no mesmo sitio, não se libertavam, não sorriam para ninguém, sempre a fazer charros e eu achava bué de estranho, não conseguia perceber. O pessoal em speed também não via nada, porque era só fluir por fluir, para não chegar a lado nenhum.” (António, 25 anos)

“Mas normalmente [o *trance*] está mais ligado ao movimento da droga psicotrópica e levada, lá está, aquela coisa inocente de amplificação dos sentidos através de drogas psicadélicas. [...] Daí a essa defesa das drogas psicadélicas como sendo coisas boas e que nos podem amplificar a consciência.” (Fábio, 24 anos)

“O haxixe é já algo enraizado na cultura, é algo de certa forma banal.” (Ernesto, 22 anos)

“E eu acho, ao meu ver, a entrada na branca nas festas de *trance* veio tornar isso ainda mais dark side, porque... é assim que é o filme da branca, ah...o lado mais escuro, mais pesado, mais filmes e mais arrogante.” (Teresa, 24 anos)

Política e drogas

“Se fossem legalizadas era uma loucura, andava tudo aí, já ninguém fazia mais nada na vida. Porque nós temos ter em conta que há pessoas que sabem quando e quanto podem pôr e há outras que não sabem. Então, se não houver esse limite, que alguém nos põe, as pessoas não iam ter noção.” (Dalila, 21 anos)

“A legalização da droga faria com que essa informação estivesse presente, disponível para toda a gente. Só por aí as pessoas teriam mais liberdade de escolha. Escolhiam o que queriam fazer com toda a consciência e informação do que estavam a fazer. E depois o fruto proibido é o mais apetecido.” (Joana, 25 anos)

Olhar dos outros

“O primeiro exemplo são os meus pais, que desde que descobriram que fumava charutos, sempre lhes tentei mostrar a diferença das coisas, do que fazia e porquê. Ir à Internet buscar revistas com médicos, opiniões e eles... Sempre foi muito difícil para eles perceber a diferença das coisas, porque para eles eu fumar um charuto era porque amanhã ia ser um enterrado. Um enterrado na heroína e estava a arrumar carros.” (António, 25 anos)

“Acho que a maior parte das pessoas não faz a menor ideia do que se passa numa festa de *trance* ou noutro tipo de festas. Por um lado isso até é melhor, porque para a maior parte das pessoas qualquer tipo de droga leva ao tipo de vida de um ressaca.” (Beatriz, 22 anos)

